

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE AGRONOMIA ELISEU MACIEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SISTEMAS DE PRODUÇÃO
AGRÍCOLA FAMILIAR**

Dissertação



**Cultura e a agrobiodiversidade:
um estudo de caso em território quilombola nos municípios de Tavares e
Mostardas no RS**

ANDERSON LUIS MESQUITA DA MARTHA

Pelotas, 2020

ANDERSON LUIS MESQUITA DA MARTHA

Cultura e a agrobiodiversidade:

um estudo de caso em território quilombola nos municípios de Tavares e
Mostardas no RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Agronomia.

Orientadora: Prof. Dr.^a Nádia Velleda Caldas
Co-orientadores: Dr. Gilberto Antonio Peripolli Bevilaqua
Dr. Irajá Ferreira Antunes.

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M111c Martha, Anderson Luis Mesquita Da

Cultura e a agrobiodiversidade : um estudo de caso em território quilombola nos municípios de Tavares e Mostardas no RS / Anderson Luis Mesquita Da Martha ; Nádia Velleda Caldas, orientadora ; Gilberto Antonio Peripolli Bevilaqua, Irajá Ferreira Antunes, coorientadores.
— Pelotas, 2020.

73 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Sementes crioulas. 2. Famílias guardiãs de sementes. 3. Ancestralidade. 4. Agroecologia. 5. Alimento. I. Caldas, Nádia Velleda, orient. II. Bevilaqua, Gilberto Antonio Peripolli, coorient. III. Antunes, Irajá Ferreira, coorient. IV. Título.

CDD : 630.2745

ANDERSON LUIS MESQUITA DA MARTHA

Cultura e a agrobiodiversidade:
um estudo de caso em território quilombola nos municípios de Tavares e
Mostardas no RS

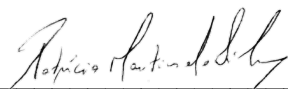
**Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de
Mestre em Agronomia, Programa de Pós-Graduação em Sistemas de
Produção Agrícola Familiar da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel,
Universidade Federal de Pelotas.**

Data da Defesa: 01/12/2020

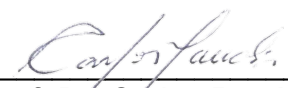
Banca examinadora:



Prof.ª Dr.ª Nádia Velleda Caldas
Universidade Federal de Pelotas



Prof.ª Dr.ª Patrícia Martins da Silva
Universidade Federal de Pelotas



Prof. Dr. Carlos Rogério Mauch
Universidade Federal de Pelotas

Agradeço a minha família pelo apoio, aos professores
Gilberto Antônio Peripolli Bevilaqua, Irajá Ferreira Antunes
e Nádia Velleda Caldas por me auxiliarem nesse trabalho.

E as famílias quilombolas que me abrigaram nessa
empreitada. Obrigado por tudo!

Ambiente limpo não é o que mais se limpa e sim o que menos se suja.
Chico Xavier

A natureza pode suprir todas as necessidades do homem,
menos a sua ganância.
Mahatma Gandhi.

Resumo

DA MARTHA, ANDERSON LUIS MESQUITA. **Cultura e a agrobiodiversidade:** um estudo de caso em território quilombola nos municípios de Tavares e Mostardas no RS. Orientadora Nádia Velleda Caldas. 2020. 73f. Dissertação (Mestre em Agronomia) – Programa de Pós Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

A questão quilombola vem sendo debatida há tempos em inúmeros trabalhos sobre o território negro e sua forma de resistência, mas pouco sobre a cultura da manutenção de suas sementes crioulas, como também sobre seus significados, suas tradições, que dão suporte as estratégias desenvolvidas para manter sua autonomia, não unicamente econômica, mas também pela tomada de decisões, pelas cosmovisões que suas sementes transmitem aos seus agricultores representados pela luta e trabalho de seus antepassados. A tradição e a religiosidade são parte de sua essência, de sua identidade. O termo agricultores (as) guardiões (ãs) de sementes crioulas representa uma vertente questionadora do modelo dominante valorizando e re-significando o valor da semente crioula. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da investigação foi por uma inspiração etnográfica, e como ferramenta optou-se por: entrevista aberta com apoio de roteiro de questões, observação participante e registro visual. O presente estudo trata de famílias guardiãs quilombolas de sementes crioulas pertencentes às comunidades Olhos D' Água e Capororoca, do município de Tavares e as comunidades Teixeira e Casca, do município de Mostardas. Nesse sentido, as famílias guardiãs quilombolas, dotadas de uma rica diversidade cultural, manipulam de formas diferenciadas um número considerável de sementes crioulas, o que vem possibilitando a manutenção de diferentes espécies e variedades onde o saber fazer está representado nas formas de uso, manutenção e valorização dessas sementes.

Palavras-chaves: Sementes Crioulas, Famílias Guardiãs de Sementes, Ancestralidade, Agroecologia, Alimento.

Abstract

DA MARTHA, ANDERSON LUIS MESQUITA. **Culture and agrobiodiversity - a case study in quilombola territory in the municipalities of Tavares and Mostardas, in RS.** Advisor Nádia Velleda Caldas. 2020. 73f. Dissertation (Master in Agronomy) - Postgraduate Program in Family Agricultural Production Systems, Faculty of Agronomy Eliseu Maciel, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2020.

The quilombola issue has been debated for a long time, with numerous studies on black territory and its form of resistance, but little on the culture of maintaining its creole seeds and their meanings, its strategies developed to maintain its autonomy, not only economic, but also for decision-making, for the worldviews that their seeds transmit to their farmers. The term creole seed guardian represents a questioning aspect of the dominant model, valuing and re-signifying the value of creole seed. The methodology used for the development of the investigation was for an ethnographic inspiration, adopting as tools open interviews with support of question script, participant observation and visual record. The present study deals with quilombola creole seeds guardian families belonging to the Olhos D'Água and Capororoca communities in the municipality of Tavares, and the Teixeiras and Casca communities in the municipality of Mostardas. In this sense, quilombola guardian families, endowed with a rich cultural diversity, manipulate in different ways a considerable number of Creole seeds, which has enabled the maintenance of different species and varieties where knowledge is represented in the ways of using, maintaining and valuing these seeds.

Keywords: Landraces, Creole Seeds Guardian Families, Ancestry, Agroecology, Food

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do município de Mostardas no estado do Rio Grande do Sul	19
Figura 2: Localização do município de Tavares no estado do Rio Grande do Sul.	20
Figura 3: Sementes de feijão sopinha armazenadas em garrafa pet.	58
Figura 4: Semente de feijão vermelho misturado a impurezas: forma tradicional de conservação em recipiente plástico.	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Comunidades quilombolas identificadas nos municípios de Tavares e Mostardas, RS.....	21
Tabela 2: Número de guardiões quilombolas entrevistados nos municípios de Mostardas e Tavares, RS.....	25
Tabela 3: Espécies e variedades encontradas nas comunidades quilombolas nos municípios de Tavares e Mostardas, RS, variedades perdidas e resgatadas relatadas.....	56

LISTA DE SIGLAS

EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FCP	Fundação Cultural Palmares
FG	Família Guardiã
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MMA	Ministério do Meio Ambiente
PPGSPAF	Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar
RS	Rio Grande do Sul
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas

Sumário

1 Introdução.....	13
1.1 Justificativa	15
1.2 Problema de pesquisa	16
1.3 Objetivos	18
1.3.1 Objetivo geral.....	18
1.3.2 Os objetivos específicos	18
1.4 Aspectos metodológicos da pesquisa	18
2 Breve histórico dos quilombos: resistência, injustiças e luta por direitos	26
2.1 Comunidades remanescentes de quilombos	27
2.2 Comunidades quilombolas no Rio Grande do Sul.....	32
2.3 A identidade quilombola: um processo de afirmação.....	33
2.4 O significado da semente crioula frente aos guardiões quilombolas.....	35
3 Ambientes, sementes e suas relações com os guardiões quilombolas	38
3.1 O guardião quilombola e o manejo de sua agrobiodiversidade	38
3.2 O universo do guardião quilombola.....	40
3.3 A agrobiodiversidade e as formas de preservação das variedades crioulas.....	43
3.4 A palavra das comunidades quilombolas de mostardas	44
3.5 A palavra das comunidades quilombolas de tavares	47
3.6 A agrobiodiversidade e sua complexidade em relação aos saberes tradicionais.....	48
4 Variedades crioulas e os sistemas de produção quilombolas.....	51
4.1 Sistemas de produção da família guardiã quilombola.....	51
4.2 “Os que temos e cultivamos para produção de alimento” e o papel da cultura	53

4.3 Resumo da biodiversidade identificada nos guardiões quilombolas de Tavares e Mostardas	55
4.4 A agrobiodiversidade e as formas de conservação das variedades crioulas e seu melhoramento	58
4.5 O papel da agrobiodiversidade na manutenção das sementes crioulas e da cultura quilombola	60
Considerações Finais	62
Referências	64
Apêndice	70

1 Introdução

A memória social da semente está inserida na cultura do guardião

O presente trabalho tem como foco as famílias quilombolas guardiãs de sementes crioulas¹ pertencentes às comunidades Olhos D'Água e Capororocas do município de Tavares e às comunidades Casca e Teixeira no município de Mostardas.

Neste cenário, estão presentes a manutenção e a conservação da agrobiodiversidade e as questões socioculturais, vitais para a sua reprodução social. Para Stella, Kageyama e Nodari, (2006, p. 44) a agrobiodiversidade pode ser entendida como “a parcela utilizada da biodiversidade, representada por um conjunto de organismos e ecossistemas que apresentam fortes relações com os seres humanos, podendo ser domesticados, semi-domesticados, cultivados, ou manejados pelo homem” apresentando outros elementos fundamentais ao seu entendimentos como é o caso da ação do homem mediante:

práticas de manejo e cultivo (sistemas de cultivo, de manejo, técnicas de seleção e de melhoramento de espécies, por exemplo), até tradições e costumes (preferências, festividades, ritos e religiosidade). O elemento diferencial entre agrobiodiversidade e biodiversidade pode então ser traduzido essencialmente pela ação do homem, com um forte componente cultural. (STELLA, KAGEYAMA e NODARI, 2006, p. 44)

A semente, a forma de expressar suas tradições, sua memória e sua identidade dão representatividade ao saber e influência do quilombola na manutenção desses grãos, na composição dessa teia que é a agrobiodiversidade.

O local da pesquisa situa-se na planície costeira média do Rio Grande do Sul, onde as influências particulares do clima, dos solos, que se apresentam arenosos e de baixa fertilidade, da maresia, dos ventos fortes e das deficiências hídricas recorrentes, criaram condições para o desenvolvimento de

¹ Segundo Aquini (2015, p. 14) entende-se por um guardião de sementes “uma parcela dos agricultores que busca preservar a biodiversidade e as tradições das famílias e comunidades nas quais vivem por meio da conservação de sementes, principalmente crioulas”. No capítulo 3 será aprofundada esta discussão.

uma rica biodiversidade própria, dotada de características agronômicas peculiares.

Nesta paisagem, as comunidades quilombolas, ao longo das gerações, vêm mantendo suas sementes e onde sua cultura de subsistência as induz a preservar esses recursos genéticos em que 'o que não é consumido, é perdido', emerge o pensar e o objetivo dessa pesquisa, que visa contribuir para manutenção e resgate dessa agrobiodiversidade.

Ao considerar o significado de conservar a agrobiodiversidade, o qual Pinheiro (2018) baseado em Toledo *et. al.* (2008), salienta definir-se em dois modos, a conservação pelo uso e prática, aliado ao compartilhamento das sementes, o qual está relacionado a um princípio de solidariedade entre os agricultores e agricultoras. Consta-se que esses princípios estão ligados diretamente a lógica camponesa² em que estão inseridos, bem como a necessidade de sobreviver das famílias. Nesse quesito, os agricultores guardiões quilombolas do Litoral Médio do Rio Grande do Sul, pautam a tradição como elemento para compreender uma das formas de contraponto aos modelos agrícolas nocivos, configurando em um campo de saberes práticos que são aplicados na tessitura de uma agricultura voltada para produção de alimentos de qualidade, e orientada ao bem comum, equilíbrio ecológico do planeta e como ferramenta para a autossustentabilidade e a segurança e soberania alimentar das comunidades rurais.

Deste modo, se constitui em um elo concreto entre desenvolvimento pautado na conservação, manutenção e compartilhamento das variedades crioulas, da valorização da cultura local e tradição onde os saberes acumulados os levam a guardar as sementes crioulas, a qual está esta constituída de uma memória social, o que os identifica pelas particularidades em seus jeitos de fazer agricultura.

Assim com o olhar inspirado na antropologia, busca-se pensar nos significados que englobam as ações e percepções ditas como a tradição, as

² Para o camponês o trabalho da família camponesa é a única condição possível para a obtenção de recursos para o agricultor ou artesão porque não existe o fenômeno social do trabalho assalariado e por esse motivo também está ausente a ideia de lucro. Desta forma o trabalho familiar do camponês tem como fim, a satisfação de suas necessidades, ou seja, a autonomia do agricultor familiar (CHAYANOV, 1974).

relações de reciprocidade e o alimento, que acabam muitas vezes justificando o porquê de guardar as sementes.

A partir de uma amostragem de alguns guardiões quilombolas, busca-se identificar a ocorrência de um processo de redução de variedades crioulas e da variabilidade genética presente nas unidades agrícolas desses agricultores quilombolas. Saliento que a erosão genética está presente a um ponto perigoso, na medida em que as sociedades humanas ficaram dependentes de poucas espécies de organismos cultivados e de um pequeno número de genes encontrados nessas espécies. Outro fator desestabilizador é o modelo de desenvolvimento rural, o qual resultou em desigualdade social, insustentabilidade econômica e ecológica das unidades de produção agrícolas. Os agricultores guardiões estão cercados por um modelo produtivo homogeneizante, reducionista e predatório representado pelo agronegócio e pelos pressupostos implementados pela agricultura moderna.

1.1 Justificativa

A investigação justifica-se para reconhecer a cultura agrícola quilombola o qual fez emergir o tema do trabalho, onde os valores culturais presentes nesse território propiciaram o entendimento que as sementes crioulas têm um papel essencial na manutenção dessas comunidades. As famílias guardiãs quilombolas ao manter suas sementes, mantêm uma série de práticas e procedimentos relacionados ao sistema de reprodução social dessas famílias, orientadas pela tradição e ancestralidade, que se mantém. O ato de guardar e reproduzir essas variedades representa e alimenta toda uma simbologia e suas cosmovisões.

O conhecimento dos agricultores e agricultoras quilombolas e suas manifestações socioculturais são o elo na manutenção das variedades crioulas, as quais eles mantêm e protegem.

Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa se faz necessária pelo fato de a agricultura quilombola ainda ser pouco explorada diante de sua rica cultura e sabedoria em relação ao cultivo de alimentos e conservação de sementes crioulas. Pelo lado pessoal a pesquisa se justifica pelo fato do autor se identificar com a cultura quilombola, pelos seus antepassados terem nascidos nesse tipo de local, como as sementes crioulas carregarem consigo a memória

social e imaterial dos seus antepassados, este trabalho trás uma carga de memória afetiva do autor.

1.2 Problema de pesquisa

O processo histórico-social oriundo da escravidão e o que restou dela deu origem a comunidades negras rurais onde a circulação de semente era baseada em livre troca e relações de reciprocidade. As sementes se perpetuavam em circulação, coevoluindo a cada ciclo de cultivo nas diferentes comunidades, todas as famílias quilombolas as tinham, tanto pelo processo de reprodução, como de reciprocidade.

Enquanto uma proposta globalizada de desenvolvimento para a agricultura, a Revolução Verde desconsiderava a diversidade das condições de vida e trabalho das populações rurais. Considerando dados mais genéricos trazidos por Mayozer e Roudart (2010) apontam para uma população rural mundial em torno de 3 bilhões, sendo 1,3 bilhões de populações ativa. Os autores estimam que, um terço da população ativa não utiliza as tecnologias geradas pela Revolução Verde e, que nos outros dois terços, a maior parte do trabalho é realizada com tração animal e ferramentas manuais. Vários autores manifestam que as sementes crioulas se encontram em mãos de famílias agricultoras que as mantêm, há quem os considere pesquisadores (CAMPOS 2007).

As sucessivas tecnologias desenvolvidas, no caso brasileiro e mundial, além de não terem solucionado o problema da fome, distribuída pelo mundo, elevou consideravelmente a produtividade dos cultivos, mas também levou à exclusão de uma parcela significativa de famílias agricultoras com pouca ou sem terra e de trabalhadores rurais. E com elas, seus conhecimentos e suas sementes, também foram esquecidas, comprometendo a diversidade dos sistemas agrícolas e a agrobiodiversidade.

Neste contexto geral da semente crioula e a interação com os agroecossistemas, se justifica a categoria ‘família quilombola guardiã’, que trata de entender com profundidade as relações que se estabelecem entre eles, visando a preservação da agrobiodiversidade e o conhecimento tradicional associado a ela.

O fato de combinar ações para conservação e a multiplicação de sementes, utilizando critérios definidos para cada espécie, mostra a especialidade e a capacidade seletiva na obtenção da semente ou variedade que desejam, ou seja, que atendam as suas necessidades imediatas, o que leva permanentemente a manter e ou ampliar a sua diversidade.

O processo de organização da família quilombola guardiã de sementes crioulas pertencentes às comunidades Olhos D'Água e Capororocas do município de Tavares e às comunidades Casca e Teixeira no município de Mostardas, vêm possibilitando a manutenção e conservação de espaços socioculturais, dando maior visibilidade não somente as estas famílias guardiãs e suas sementes, mas também, a possibilidade de autonomia e soberania alimentar.

O fato da manutenção das sementes crioulas, e a autonomia que ela representa aos agricultores, nos leva a uma crescente noção de resistência, devido principalmente a oportunidade de produzir alimento. A categoria família quilombola se encaixa justamente neste ponto, a da autonomia, da resistência e da identidade de onde foi possível buscar o reconhecimento, sair da invisibilidade e ocupar um espaço que territorializa e demarca a existência de um 'fazer agricultura' oriundo de sua trajetória de vida. Que não separa o cultural e a técnica, nem eles do ambiente, o que faz toda a diferença no pensar e desenvolver o espaço rural.

Estas famílias quilombolas³ têm se feito reconhecer, muito em função de sua identidade e representatividade social. Apesar disso, seu modo de trabalhar, realizando parte das atividades com tração animal, às vezes plantando com máquina manual (saraquá/ pica-pau/ matraca), usando enxadas para as capinas, utilizando sementes crioulas, consumindo alimentos cultivados por eles, acabem sendo falsamente estereotipados na visão do moderno embasado nos princípios da Revolução Verde. Cabendo trazer o debate pergunto: Como a cultura quilombola das comunidades Olhos D'Água, Capororocas, Casca e Teixeira, proporcionam a manutenção e conservação

³ Descendentes de seres humanos que foram escravizados e que vivem em comunidades remanescentes de quilombos e que possui uma cultura diferenciada se reconhecendo como tal e que possuem formas próprias de organização social de ocupação e usa de seus territórios e recursos naturais como também sua reprodução cultural, social, religiosa e ancestral utilizando práticas geradas e transmitidos pela tradição (ALMEIDA, 2002).

das sementes crioulas e da agrobiodiversidade? Como é a relação entre sementes crioulas e a identidade quilombola nos municípios de Tavares e Mostardas no RS?

Neste sentido, as famílias quilombolas se tornam imprescindíveis a valorização desse saber e dessa rica diversidade cultural.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Compreender as interações sociais, culturais e econômicas derivadas das variedades de sementes crioulas e seus efeitos sobre as realidades das comunidades quilombolas nos municípios de Mostardas e Tavares no Rio Grande do Sul.

1.3.2 Objetivos específicos:

- Identificar os motivos que levaram determinado(a)s agricultore(a)s a preservar a agrobiodiversidade e se tornarem guardiões(ãs) de sementes;
- Identificar dificuldades enfrentadas para manter as sementes crioulas no sistema de produção agrícola existentes na comunidade.

1. 4 Aspectos metodológicos da pesquisa

As pesquisas de campo situaram-se na Planície Costeira Média do Rio Grande do Sul, especificamente nos municípios de Tavares e Mostardas, cuja principal ocupação do território teve início como resultado da crise populacional ocorrida no arquipélago de Açores no século XVIII, quando colonos açorianos migraram para esses territórios ao longo do litoral, onde criaram inúmeras povoações (JACOBUS, 1996).

O município de Mostardas (Fig. 1) está localizado a 31° 06' 25" latitude Sul e a 50° 55' 16" longitude oeste, com altitude máxima de 17 metros. O município faz parte do litoral médio do estado, num istmo formado entre a Laguna dos Patos, a Oeste e o Oceano Atlântico, à Leste. A população total é estimada em 12.124 habitantes, sendo 8.143 residentes no perímetro urbano e

3. 981 na zona rural (IBGE, 2010). Seu território está distribuído em uma área de 1.983 Km² (IBGE, 2019).

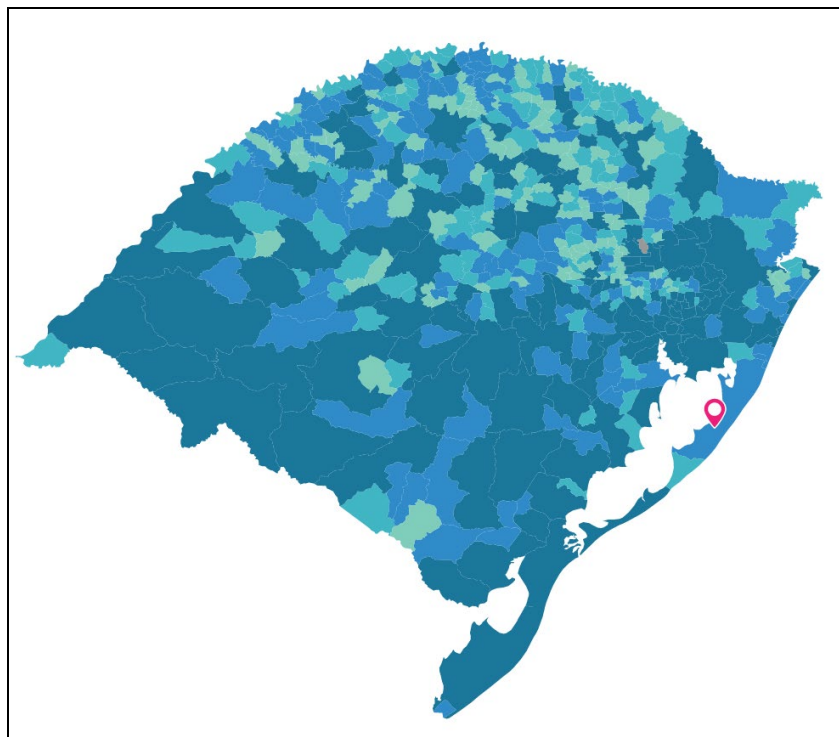


Figura 1: Localização do município de Mostardas no estado do Rio Grande do Sul
Fonte: IBGE, 2019.

Os primeiros registros históricos citam que, em 1742, já existia um posto de vigilância denominado Guarda de Mostardas, na área que hoje compreende o município. Quanto à denominação de Mostardas, pairam muitas dúvidas, pois não há documento oficial que explique a origem do nome. Porém, a tradição oral levanta algumas possibilidades: a quantidade abundante do vegetal comestível nativo da região; ou o naufrágio de um navio francês denominado Mostardas que teriam se abrigado na região e, ou, um comerciante que se estabeleceu junto ao Posto de Vigilância, de sobrenome Mostardas (IBGE, 2019)

Localizado em latitude 31° 17' 14" Sul, e à longitude 51° 05' 37" Oeste, com altitude máxima de 15 m, o município de Tavares possui uma população de 5.351 habitantes, sendo 3.299 residente no perímetro urbano e 2. 052 na zona rural (IBGE. 2010). Ainda segundo o IBGE, o território abrange uma área de 604,26 Km². O município faz parte do Litoral Médio do estado, no mesmo istmo que compõe o município de Tavares (Fig. 2).

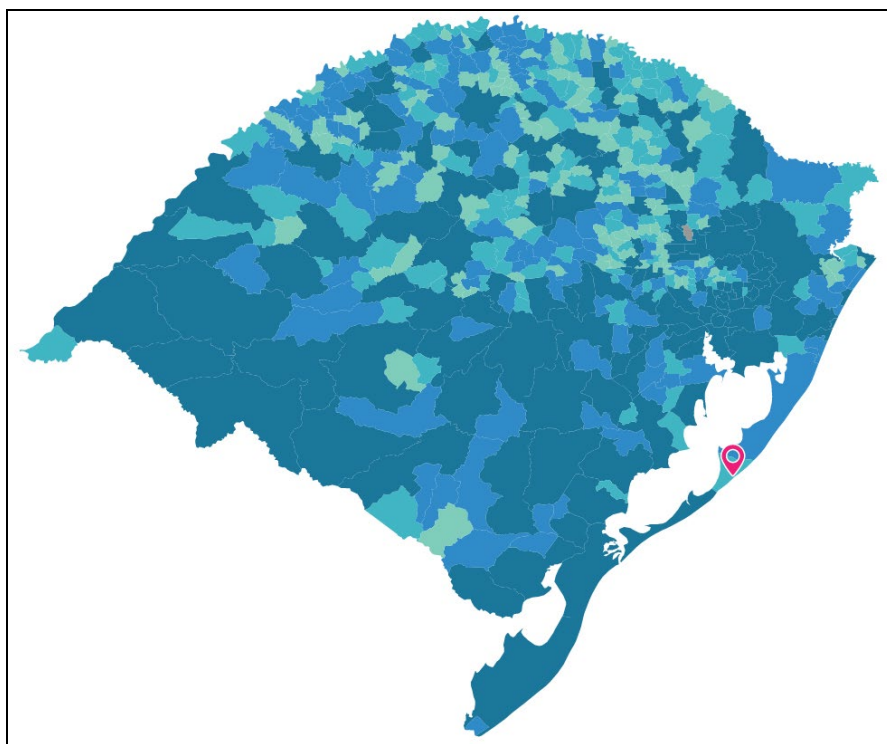


Figura 2: Localização do município de Tavares no estado do Rio Grande do Sul.
Fonte: IBGE, 2019.

O município de Tavares teve a primeira povoação a partir da chegada do Brigadeiro José da Silva Paes, em 1737, quando fundou o forte Jesus Maria José, no lado Sul da Barra do canal de Rio Grande. A origem da população provém de casais açorianos que aqui chegaram por volta de 1760. O nome do Município tem origem no nome do Coronel Antônio da Silva Tavares, proprietário de terras no início da colonização (IBGE, 2019). Por sua vez, a chegada das primeiras populações de escravos, a este território deu-se no final do séc. XVII, quando foi dado início à utilização da mão escrava (SILVA, 2007). Essa região possui grande influência ao relacionar quilombos registros no estado, estando três localizados em Mostardas e três em Tavares, sendo todos devidamente reconhecidos, conforme Tab 1.

Esta região costeira compreende as primeiras cidades do Rio Grande do Sul e uma longa trajetória histórica. Perante esse legado, e pôr a região possuir uma rica diversidade cultural, inclusive em sua agricultura, compreendendo também a existência de grande número de variedades utilizadas pelos agricultores e caracterizadas como crioulas, se fez necessário compreender os grupos sociais que permeiam o respectivo mundo rural, suas

interrelações, e, dentre eles, aqueles identificados como guardiões da agrobiodiversidade ou sinteticamente Guardiões de Sementes.

Tabela 1: Comunidades quilombolas identificadas nos municípios de Tavares e Mostardas, RS.

Município de Tavares	Município de Mostardas
Comunidade Capororocas	Comunidade Casca
Comunidade Olhos D' Água	Comunidade Teixeira
Comunidade Anastácia	Comunidade Colodianos

Fonte: elaborada pelo autor

Com este intuito, e após consulta com o Engenheiro Agrônomo Gustavo Chaves Alves, técnico ligado à Emater-RS, com profundo conhecimento do universo abrangido pelos citados municípios, foram acordadas com as representações quilombolas a realização do trabalho nas comunidades Casca e dos Teixeiras, no município de Mostardas, e de Olhos D' Água e Capororocas, em Tavares.

No período compreendido entre 2016 até o presente, foram realizadas ações de pesquisas e desenvolvimento na região pela Embrapa Clima Temperado envolvendo os temas Sementes crioulas e Agricultores Guardiões. Após o estudo dos temas em outras regiões e envolvendo outras etnias optou-se por priorizar a compreensão o universo sociocultural das famílias guardiãs quilombolas, refazendo roteiros de contatos com algumas famílias realizados há mais de 10 anos.

A escolha dos agricultores protagonistas no presente trabalho foi realizada através de uma pesquisa de campo, com a participação conjunta de pesquisadores da Embrapa Clima Temperado e da Emater-RS de ambos os municípios, os quais realizam trabalhos com esses agricultores. No processo de seleção foram adotados os seguintes critérios: número de variedades que possuem, o que se perdeu e ou foi recuperado e a idade dos agricultores, pelo fato dos agricultores de mais idade terem uma vasta experiência de vida, bem como são testemunhas das transformações ocorridas no meio rural. A facilidade de acesso aos estabelecimentos também foi levada em consideração.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da investigação foi por uma inspiração etnográfica, e como técnicas de pesquisa optou-se por entrevistas com questionários semiestruturados (Apêndice 1), com apoio do roteiro de questões, a observação participante, e registro áudio-visual. Com o roteiro de questões procurei seguir a trajetória de vida dos guardiões, procurando entender a relação estabelecida com as sementes crioulas e os atores envolvidos. Para o registro das informações, além do questionário, foi utilizado o diário de campo, a máquina fotográfica e o gravador de áudio.

A compreensão do fato empírico foi acompanhar e identificar os significados dos principais eventos que organizam a relação dos Guardiões quilombolas com as sementes crioulas. Apesar da distância geográfica que me separava do campo de estudo, não faltou afinidade, para que pudesse adentrar no mundo das famílias.

Na caminhada, buscou-se compreender o problema da pesquisa a partir da inspiração etnográfica o qual ordenou o foco para entender as relações dos guardiões quilombolas e suas sementes crioula. Para Geertz (1989), é necessário estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos e utilizar o diário de campo. Nesse período 14/09/2019 a 30/09/2019 foram realizadas visitas as famílias guardiã quilombola selecionadas nas quatro comunidades de Tavares e de Mostardas onde foi possível vivenciar um pouco de suas realidades e modo de vida.

Deste modo, essa pesquisa, em um universo de maior abrangência, busca também descrever as contribuições dessas comunidades para a manutenção, a conservação e o resgate da agrobiodiversidade e da cultura das comunidades quilombolas.

As comunidades negras rurais que vem conseguindo sobreviver às adversidades, as investidas da agricultura convencional e as ameaças e intimidações ao longo de sua existência são compostas de agricultores que conseguiram manter variedades de espécies como o feijão-miúdo, o feijão-sopinha, o milho catete, as batatas-doces e sua biodiversidade intra-específica as quais várias instituições vêm comprovando que a região foi e é um celeiro da biodiversidade.

O trabalho utilizou o método etnográfico onde a observação participante serviu como lastro para investigar os saberes, as práticas de vida

social e as representações coletivas na comunidade. A etnografia possibilita vivenciar, o mundo do outro, como aponta Brandão (2007, p. 12) “o trabalho de campo, a pesquisa antropológica, para mim, é uma vivência, ou seja, é um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento, que diferentes categorias de pessoas fazem e realizam”. O trabalho etnográfico consiste em estudo profundo sobre o contexto e o comportamento humano em elaborar uma “descrição densa”. Descrição densa é entendida como o processo de interpretação que pretende dar conta das estruturas significantes que estão por trás e dentro do menor gesto humano, na qual o pesquisador faz uma descrição profunda das culturas como teias de significados (GEERTZ, 1989).

Utilizando uma abordagem qualitativa, proporciona a obtenção de um conjunto de informações riquíssimo, relacionados aos participantes da pesquisa e suas interações e diálogos estabelecidos, através de um contato familiar (LAKATOS e MARCONI, 1985). Segundo Brandão (2007, p. 12) “as experiências de trabalho têm dimensão muito intensa de subjetividade” caracterizada pela observação participante, por meio de entrevistas e relatos dos pesquisados, que tiveram como objetivo dar voz aos participantes da pesquisa, permitindo um engajamento maior do pesquisador na realidade investigada, o que ofereceu condições para compreender profundamente os processos existentes e os sentidos produzidos pelos sujeitos na relação com o conhecimento e os significados produzidos pelos agricultores.

A caracterização dos guardiões foi feita a partir de metodologia participativa, utilizando também a etnografia a qual compreendida como contextos onde fatos, pensamentos, comportamentos, ações, instituições podem ser descritos como ferramenta de pesquisa (GEERTZ, 1989).

A identificação dos guardiões de sementes quer sejam líderes, anciões ou jovens, teve como ponto de partida as relações estabelecidas com as organizações parceiras e a participação dos próprios guardiões nos projetos anteriormente realizados no âmbito das sementes crioulas pela Embrapa Clima Temperado. Para isto foram estabelecidos roteiros de visitas às famílias onde, numa primeira aproximação foram realizadas conversações informais com o objetivo de explicar os propósitos da pesquisa, conhecer e deixar-se conhecer, e identificar as formas participativas das famílias nos diferentes momentos da pesquisa, assim como a participação do pesquisador nos espaços sociais,

fossem culturais, produtivos ou outras. As demais visitas que se seguiram deram continuidade à pesquisa, como o conhecimento dos espaços produtivos, de vivência, seus sistemas de produção, realização de entrevistas, participação em eventos e demais acontecimentos específicos para alcance dos propósitos do trabalho.

Buscou-se compreender o papel do agricultor guardião de semente no território quilombola, enquanto o resguardador de um legado de sua história, da sua comunidade e da sua semente, os costumes de uso, como exemplo na alimentação, a questão do sagrado que, conforme Santos (2010), em espaços festivos a comida vai além de solucionar a fome, considera como meio de celebração ritual, o modo de conservação, multiplicação, enfim as estratégias que envolvem a manutenção das sementes no decorrer das safras e gerações, considerando o apreço, o gosto, a satisfação, a necessidade, etc. todos os meios de manter viva sua vida, sua comunidade, sua identidade, sua cultura e modo de vida.

Deste modo, a pesquisa teve um caráter antropológico onde a compreensão do fato empírico foi fundamental para garantir suas peculiaridades, identificando os seus significados e suas trajetórias e permitindo, assim, entender a inter-relação existente entre a comunidade e as sementes crioulas.

Para tal buscou-se compreender o universo dos agricultores guardiões de sementes a partir de uma inspiração etnográfica e foram realizadas as incursões a campo e levantamento de dados junto a 23 famílias quilombolas guardiãs (FG) de sementes, distribuídos em quatro comunidades conforme identificado na Tab. 2.

Após a coleta dos dados foram feitas as transcrições dos diálogos e a posterior análise do discurso de modo que as informações coletadas fossem apresentadas da forma mais coerente e fidedigna possível. Para dar conta de alcançar os objetivos propostos, o presente trabalho está organizado em três capítulos e bem como das considerações finais. O primeiro capítulo faz uma retrospectiva no tempo, traçando um breve histórico da escravidão e do surgimento dos quilombos como ponte de resistência. Retrata a questão quilombola no Rio Grande do Sul e na planície costeira, além da afirmação dessa identidade e sua luta por seus direitos.

Tabela 2: Número de guardiões quilombolas entrevistados nos municípios de Mostardas e Tavares, RS.

Mostardas		Tavares	
Comunidade da Casca	Comunidade dos Teixeiras	Comunidades Olhos D'Água	Comunidade Capororocas
FG10, FG11, FG12, FG13, FG14, FG15, FG16, FG17, FG18, FG19.	FG20, FG21, FG22, FG23	FG4, FG5, FG6, FG7, FG8, FG9	FG1, FG2, FG3

Fonte: elaborado pelo autor

O segundo capítulo descreve o âmbito relacionado com a conservação e sua biodiversidade. Estabelece o papel do guardião quilombola de sementes e seu universo em relação com a natureza e sua forma de conservação. Retrata a ligação das comunidades com seu legado histórico. Já o terceiro retrata a variabilidade e a manutenção da agrobiodiversidade praticada pelos agricultores guardiões e sua relação natural e social. Fala sobre os significados existentes na semente e os diferentes modos de conservação.

2 Breve histórico dos quilombos: resistência, injustiças e luta por direitos

A história do negro no Brasil remonta séculos de muitas violências e abusos físicos, psicológicos e morais, arbitrariedades que até hoje persistem, mas com uma roupagem nova. Entretanto, esta intencionalidade permanece presente, configurando-se por negar aos seus descendentes o direito de ascender social e culturalmente.

Desta forma, o imaginário da cultura negra e quilombola inicia sua história a partir do quilombo de Palmares, onde o líder Zumbi ascendeu em sua luta pela liberdade. Assim, Funari (1996) retrata que a maioria dos habitantes desse famoso quilombo é originária da África, particularmente das regiões Bantus, que hoje compreende os atuais países de Angola e República Democrática do Congo (antigo Zaire).

No Brasil, a escravidão está interligada à escravidão na África, conforme Funari (1996) atesta. Ao mesmo tempo, sua história está retratada pelos conquistadores, repressores, frente aos vencidos e escravizados. Frente a este fato, a figura de Zumbi surge em nosso imaginário como a do representante nacional máximo na luta contra a escravidão no país, sendo considerado como aquele que desafiou a ordem vigente e estabeleceu, na prática cotidiana dos escravos, a resistência contra as investidas do capitão-do-mato⁴.

Como resultado, as representações criadas sobre Zumbi ao longo dos séculos influenciaram várias gerações, inclusive gerações de negras, a lutar por seus direitos, mas criando uma imagem de conteúdo ambíguo em muitas mentes, no imaginário social e na cultura brasileira, por causa do seu papel, ora como vítima, ora como herói.

⁴ Segundo Lara (1996), os capitães do mato eram homens pobres e livres faziam parte de regimentos paramilitares (milícias especializadas) que cumpriam o papel de capturar escravos fugidos e tentar destruir os quilombos que se formavam.

2.1 Comunidades remanescentes de quilombos

As inúmeras definições criadas sobre quilombo se traduzem em uma tratativa elaborada para retratar as comunidades remanescentes de quilombos, que são herdeiros culturais das comunidades negras que se formaram em um local onde seus antepassados criaram laços e se perpetuaram. De acordo com Leite (1999, p. 126) “com o fim da escravidão pela Abolição da Escravatura, foi perdida a chance de construção de uma nação menos desigual e mais diversa”. Tal perda foi reparada somente em 1988, um século depois, quando pela Nova Constituição do Brasil surge uma nova chance, a partir das claras evidências de exclusão social dos negros. Entretanto, a nova constituição vem acompanhada das mesmas artimanhas utilizadas no século anterior, como a folclorização, como instrumento de negação de seus direitos.

A marginalização vivida pelos negros no Brasil chega aos dias atuais. Esse atraso em reconhecer e reparar uma situação que parte da sociedade busca apagar e negar, ainda gera muitos distúrbios na sociedade.

A luta pela terra no Brasil vem sendo travada desde o “período imperial, esbarrando não raramente em interesses de uma elite tanto consolidada quanto emergente” (BORBA, p. 26, 2013).

No artigo Ideologia Nacional Brasileira, segundo Leite (1999, p. 131), impõem-se o efeito “homogeneizador, dificultando o discernimento entre as fronteiras e os efeitos “da cor”, a organização política dos “de cor”, chamados negros, tendo como principal consequência a permanência destes nos índices de marginalidade social”, ou seja, são excluídos dos grupos sociais e colocados a margem da sociedade.

A partir dessas situações, ficam evidentes as adversidades que populações negras no Brasil vêm passando na busca por seus direitos. Qualquer mudança ou solução nesta direção tornam-se difíceis de serem concretizadas por se tratar tanto de questões de fundo cultural como de comprometimento e boa fé de órgãos e instituições. Consequentemente, resulta em que tentar mudar toda uma prática passada durante gerações, requer tempo (FIGUEIREDO, 1995). De modo a contornar tais dificuldades, devem ser criados meios que permitam atingir tais conquistas; a questão negra deve ser levada a sério e suas reivindicações e demandas devem ser

trabalhadas de modo a comporem pautas em todas as instâncias sociais e políticas para que um futuro com maior justiça possa ser atingido.

Essas adversidades criaram situações comuns não apenas a negros, mas também a indígenas, que ainda permanecem excluídos por, muitas vezes, formarem alianças na luta contra a ocupação e exploração dos seus corpos e de suas terras, bem como por usurparem de seus bens e direitos. Diante disso os negros diferentemente dos índios, considerados “da terra”, enfrentam questionamentos sobre a legitimidade de se apropriarem de um lugar, de modo a poderem organizá-lo conforme suas condições, valores e práticas culturais. Exemplificando, a repressão policial aos terreiros de candomblé e aos bairros periféricos por eles habitados constituem exemplos de cunho racista de uma política racial idealizada e vendida à sociedade. A segregação social é uma das formas de *Apartheid* praticadas no Brasil com resultados que conduzem à presente imobilização social da nação conforme fica evidenciado pelos censos econômicos e pelos levantamentos socioeconômicos, conforme aponta LEITE (2000).

Uma dessas adversidades foi, e é, o fato de que, ao longo das décadas pós-abolição, não se construíram estradas, redes de esgoto, postos médicos ou escolas que beneficiassem as populações negras, o que ampliou a sua marginalização social. Com isto, foi sendo criado, simultaneamente, o perverso perfil de um negro malandro, pobre, ignorante, violento, permissivo e preguiçoso, tornando-o realidade, e, desta forma, construindo sua identidade, ligada à cor de sua pele, como de uma pessoa perigosa. Mesmo aquele que consegue ascender socialmente não se livra do estigma, dos pré-conceitos de tratar-se de alguém suspeito, inferior, perigoso (LEITE, 1999).

Tal retrato é um processo histórico da pós-abolição (1888), que, expresso de outra forma, vem caracterizando “os negros” como seres desqualificados que não trabalham, inúteis, insolentes, perigosos, devendo os lugares que habitam, e que são ignorados pelo poder público, ou seja, marginalizados, ser vigiados pelo aparato de segurança, sendo, ao mesmo tempo, questionados por outros grupos recém-chegados, os europeu (brancos) com maior poder e legitimidade junto ao Estado (LEITE, 1999).

Segundo Leite (1999), a primeira Lei de Terras, descrita no Brasil, datada de 1850, excluía os africanos e seus descendentes da categoria de

brasileiros, situando-os num limbo, em uma categoria separada, denominada “libertos”. Desde então, são atingidos por todos os tipos de racismos, arbitrariedades e violências. Essa ideia de exclusão está ligada ao poder e à repressão, conforme citado por Quijano (2005, p. 227):

A codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados, na ideia de raça, ou seja, uma suposta distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outro. Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundamental, das relações de dominação que a conquista exigia.

Na década de 80, no período anterior a constituição 1988, o termo quilombo era usado para designar as comunidades negras tradicionais, mesmo antes das interferências políticas ideológicas na atribuição de novo significado. Assim a sociedade interessada pressionou por mudanças, se posicionando em definir o termo quilombo como símbolo de uma identidade, entendendo que o descendente de africanos tem o direito de reparações históricas que nunca ocorreram de fato desde a abolição da escravatura em 1888. (LEITE, 1999). Além, a Constituição Federal 1988 fez o reconhecimento dos remanescentes das comunidades dos quilombos em grupo e não do indivíduo, ou seja, o modo de vida coletivo. A participação de cada um na vida coletiva dá a esse sujeito a possibilidade de ser parte do referido direito. A lei, embora represente um avanço, é profundamente engessada por não conhecer a cultura e a identidade quilombola.

De acordo Leite (1999) o regate do termo “quilombo” como um conceito sócio-antropológico, não exclusivo historicamente, ganha novos significados na luta pelos excluídos: negros, índios, mulheres, homossexuais, ciganos e judeus, tornando-se mais um elemento de pressão pelos direitos dos negros por reparações. Com essas novas indagações Arruti (p. 4, 2006) diz que:

Com a instauração da ordem republicana, o termo quilombo não desaparece, mas sofre suas mais radicais ressematizações, quando deixa de ser usado pela ordem repressiva para torna-se metáfora corrente nos discursos políticos, como signo de resistência.

À primeira vista, expõe o Brasil a uma herança perversa de um longo período colonial e às suas sequelas herdadas das relações de injustiças infligidas a grupos sociais que são continuamente estigmatizados por suas origens étnicas ou raciais, privilegiando uma elite com as quais estão concentradas as terras e as facilidades institucionais (BORBA, 2013)

Também expõe, de acordo com Leite (1999), a dominação que se exerce através do argumento criado a partir da questão da inferioridade da raça, dos estigmas desenvolvidos e alimentados e da exclusão social. O termo quilombo, que tem sua origem Bantu, vem expressar a necessidade de parte da sociedade de mudar o olhar sobre si próprio, a partir de paradigmas construtivos como o reconhecimento das diferenças de culturas e suas expressões sociais que são produzidas como raciais ou étnicas. O quilombo nos dias atuais fortalece as representações sociais e suas cosmovisões ao falar de algo que ainda está em processo de reconhecimento para muitas comunidades quilombolas, ainda por serem resolvidas, que é a certeza de terem seus direitos respeitados e sua cidadania restaurada por estes grupos.

De acordo com Arruti (2006) essas representações se estendem para níveis e categorias, como a territorialidade, compreendendo os usos históricos das suas terras, bem como sua preservação. Elas são marcadas segundo Arruti (2006) pelo uso comum, ganhando denominações específicas, nas quais diferentes formas de representação e autonominação dos segmentos camponeses são reconhecidas, sendo denominadas como Terras de Santo, Terras de Índios, Terras de Parentes, Terras de Irmandade, Terras de Herança e finalmente, Terras de Preto. Contudo, seu contexto era o mesmo e sugeria a posse coletiva, também assegurada pelo usocapião das terras, gerando tensões e conflito pela terra.

A territorialidade, segundo Little (2002), não está propriamente na expressão da lei ou títulos; está presente na memória coletiva que se mantém viva e incorpora dimensões simbólicas e expressões culturais que dão consistência e profundidade de tempo histórico ao território.

Desta forma, segundo Santos (2013, p. 60)

Os quilombos assombraram praticamente todo o Brasil Colonial, persistindo no Império e se reconfigurando na República, mesmo após as investidas do Estado brasileiro, no sentido de apagar a marcha da cultura africana da nova identidade brasileira que se formaria a partir dali. Oficialmente, todos acreditam que os quilombos resistiram à escravidão, se enclausuraram às margens dos centros urbanos e pouco contribuíram para a formação da cultura e da economia nacional.

Essa informação se mostra equivocada por que, segundo Arruti (2006), os seus remanescentes reivindicam não apenas a alteração do objetivo a eles atribuído, nem tampouco o reconhecimento de seus descendentes, mas acima

de tudo a participação política na atualidade que visa a apropriação de seus direitos como cidadãos.

As diversas interpretações construídas sobre os quilombos no Brasil, a partir da década de 1950, insistiam em definir a resistência negra como sendo um grupo (sociedade) alternativo livre, negando a história de perseguições, cativeiros e discriminação sofrida por esses grupos (SANTOS, 2013).

O Brasil como país que passou por longo período colonial e escravocrata apresenta até hoje sequelas de seu passado repressor e usurpador frente às populações subjugadas a um sistema onde o racismo, a exploração de seus corpos, foi o alicerce para o desenvolvimento desse país.

Sua herança de desigualdade fez criar uma parcela da sociedade ser excluída do processo de integração, entre as quais se destaca a concentração fundiária.

No Brasil as comunidades remanescentes de quilombos adquiriram o direito de postular a propriedade coletiva de seus territórios a partir da promulgação de Constituição Federal Brasileiro de 1988. Ocorre que, mesmo após o decurso de mais de 30 anos desta disposição, a maioria dos grupos continua sem ter a formalização de suas posses.

Segundo o levantamento da Fundação Cultural Palmares (FCP, 2018), existem mais de 3.500 comunidades quilombolas no país, das quais somente 154 foram tituladas – fase final do processo de reconhecimento e proteção de quilombolas no Brasil.

Os fatores para essa morosidade judicial são inúmeros: insuficiência legal e dificuldades burocráticas, dentre outros; porém, os mecanismos formais de regularização fundiária parecem demonstrar que ainda estão presentes as convicções que negam a efetivação dos direitos às minorias.

O fato é que, no período Colonial e parte da época Imperial os quilombos eram localizados para serem destruídos, os estudos atuais sobre as comunidades remanescentes, se pautam no sentido de garantir direitos e políticas públicas; para isso, contam com apoio de órgãos governamentais e não governamentais. A constatação de que os investimentos sejam poucos e a captação de recursos apresente burocracias inaceitáveis em comparação a outros órgãos, leva a crer que os propósitos de reconhecer outros inúmeros territórios estão longe de serem alcançadas. Em decorrência disso, Santos

(2013. p. 65) relata que “a representatividade das comunidades quilombolas, urbanas ou rurais exige cada vez mais uma representação orçamentária, seja ela em qualquer agenda política”. Diante dessas constatações, Santos (2013. p. 65) propõe que a construção de uma “Agenda Social Quilombola’ [...] possibilitaria a organização dos governos locais e nacionais em relação à distribuição dos recursos requeridos, bem como de sua fiscalização”. Os atores principais seriam as próprias comunidades que iriam fiscalizar e garantir, desta forma, o acesso à rede de proteção e ascensão social com a consequente eliminação da exclusão social.

2.2 Comunidades quilombolas no Rio Grande do Sul

A partir das repercussões do artigo 68 da Constituição Federal foi iniciada a busca dos territórios negros existentes no país com possibilidades de, através da auto-identificação, serem considerados como remanescentes de quilombos. Esta busca estendeu-se ao Rio Grande do Sul, onde foram identificados inúmeros territórios de remanescentes negros que, colocados à margem da história, comprovaram a tese de que “o silenciamento e a invisibilidade de certos grupos étnicos (negros) em relação à participação afro-descendentes na composição da sociedade gaúcha se mostra clara” (ROBERT, 2008, p. 165).

Outro fator importante constatado, explica que, para a existência de inúmeras formações quilombolas, contribuíram diversas formas de aquisição dessas terras, tais como por ocupação de parte de terras isoladas, por herança, por doação, por pagamento de serviços, etc. Da mesma forma, ficou constatada a falta de regulação e titulação de diversas dessas áreas e também a perda de muitas delas como resultado de grilagem.

De acordo com Leite (1999) a questão quilombola e seus quilombos surgem desde os primeiros focos de resistência dos africanos ao escravismo colonial, reaparecendo no Brasil República, com a Frente Brasileira (1930/40) novamente retornando à cena política no final dos anos 70, durante a redemocratização do país. Trata-se, portanto, de uma questão persistente, alcançando, na atualidade, importante dimensão na luta dos afro-descendentes. Ou seja, constitui-se em uma luta política, com forte viés reflexivo e científico em seu processo de construção, possuindo identidade com

a questão indígena em seus embates por seus direitos, incluindo suas demandas pela demarcação de suas terras e pela titulação das áreas ocupadas.

Ao longo dos anos, esses descendentes de negros escravizados, em todo o território nacional, organizados em associações quilombolas, reivindicam o direito à permanência e ao reconhecimento legal da posse das terras negras (terra de preto), ocupadas e cultivadas historicamente para moradia e sustento, bem como o para o livre exercício de suas práticas, crenças e valores considerados em suas especificidades.

2.3 A identidade quilombola: um processo de afirmação

A narrativa descrita (SCHIMITT, TURATTI e CARVALHO, 2002) vai ao encontro com a questão da identidade de um grupo de pessoas e faz despertar a necessidade de conhecer e reconhecer suas atribuições seus valores e sua cultura diante das outras. Nesse contexto se buscou refletir as contribuições de um grupo cuja identidade quilombola é recente nos meios acadêmicos, buscando dimensionar as situações dos territórios ocupados por grupos negros.

Diante dessa narrativa (SCHIMITT, TURATTI e CARVALHO, 2002, p. 5) reportam que a injustiça “[...] é sustentada por representações sociais que justificam a inferioridade estrutural do grupo minoritário, nas quais podemos identificar forte disposição racista” onde se traspassava uma idéia igualdade étnica a qual “A ocultação do racismo na sociedade brasileira foi estimulada pelo discurso da democracia racial [...]”. E a partir dessa situação desfavorável que essas comunidades quilombolas estão a procura por justiça na busca da manutenção e recuperação de seus territórios e que possa desta maneira ser o agente de sua própria história.

Desta maneira as gerações que sucederam ainda guardam marcas afetando, até hoje, esses povos que buscam o reconhecimento de sua identidade, de sua história, de sua cultura e de suas terras ancestrais. Então, a idéia que esses grupos estão isolados em um território, assim, não pertencendo ao nosso tempo, se mostra fantasiosa.

A idéia [sic] de que esses lugares “fechados” – etnicamente puros culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia ocidental sobre a “alteridade”: uma

“fantasia colonial” sobre a periferia, mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como “puros” e de lugares exóticos apenas como “intocados”. Entretanto, as evidências sugerem que a globalização está tendo efeitos em toda parte, incluindo o Ocidente, e a “periferia” também está vivendo seu efeito pluralizador, embora num ritmo mais lento e desigual. (HALL, 2011. p. 80. Aspas no original)

Assim, a cultura local tem seus efeitos nas diversas camadas sociais de um país, estado, nação ou comunidade, como também o significado desse território é um lugar de sedimentação de práticas, de suas memórias, de suas ancestralidades e convívio social e identidades como sujeitos. Desta forma, esse interesse em definir esse conceito vem crescendo, abrindo a possibilidade de políticas sociais serem realizadas, a partir das especificações dos espaços patrimoniais e da preservação da cultura como um todo. As camadas populares, inclusive representantes de comunidades tradicionais, têm ascendido em seus direitos enquanto cidadãos e, portanto, enquanto produtores de bens culturais que legitimam o patrimônio nacional. O estudo das culturas e, subconscientemente, a luta pela preservação de uma história revela-se essencial para as gerações futuras, passando desta forma a ser estendida indefinidamente (HALL, 2011). A seguinte constatação foi elaborada por Santos (2013, p.101):

Mesmo representada politicamente, nos âmbitos nacionais e internacionais, as populações tradicionais, especialmente as indígenas e remanescentes de quilombolas, enfrentam diversos problemas em relação à posse definitiva das terras e em muitos casos, a violência tem sido uma constante. Em decorrência, os órgãos responsáveis pela identificação, reconhecimento e titulação, enfrentam a morosidade da justiça e por essa razão, diversos processos se acumulam no poder judiciário. Enquanto isso, as populações tentam interagir com o poder público local e nacional.

De fato, no Brasil nos confrontamos com aberrações onde a lei não é respeitada pelo poder que deveria segui-la, protegê-la, e resguardá-la, o judiciário, que é seu guardião.

A identidade étnica, responsável por representar a carga sócio-histórica e cultural dessas comunidades, representa a linha tênue entre o grupo local e, o outro, em sua configuração social. Assim, os remanescentes de quilombos não necessariamente foram escravos ou descendentes africanos, mas se impõem como grupos específicos, declaram uma determinada identidade os distinguindo dos demais grupos.

A identidade pode se transformar, ou melhor, se modelar, caso tenham interesse na mudança ou busquem assumir um caráter estratégico. Segundo as afirmações de Brandão (1986, p. 42).

[...] as identidades são representações inevitáveis marcadas pelo confronto com o outro; por se ter de estar em contacto, por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, a poder ou não construir por conta própria a seu mundo de símbolos e, no seu interior, aquele que qualifica e identifica a pessoa, os grupos, a minoria, a raça, o povo. Identidades são mais do isto, não apenas o produto inevitável da oposição por contraste, mas o próprio reconhecimento social da diferença.

A identidade são as representações simbólicas das quais a cultura emana (BOURDIEU, 2010). E essa dinâmica acontece em meio ao processo de resistência e de luta pela manutenção do seu território, que é onde acontecem as manifestações comunitárias. Como afirma Freitas (2016) para a população colonizada o valor essencial para viver dignamente é a terra e dela assegura o pão e o lar para viver. E, de acordo com afirmações de Fenon (1968, p. 33), “é na sua terra que as comunidades quilombolas dão sentido à sua existência social, refletindo no presente, os costumes, tradicionais e re-significando práticas a partir da contingência e do contexto atual”.

2.4 O significado da semente crioula frente aos guardiões quilombolas

As manifestações culturais dos povos tradicionais, em especial do povo quilombola, traz a luz a expressão dos processos de existência e [r]existência desses povos, a qual continua a ser negada diante das demais manifestações culturais e relações socioculturais. E a semente crioula representa essa manifestação onde suas crenças, suas tradições fazem parte do contexto familiar. Conforme Olanda (2015), a produção cultural da família quilombola enquanto organização social produz valor aos seus grupos domésticos apresentando representações sociais no qual é constituído em uma ordem moral a qual se conforma na interdependência entre família, terra e trabalho. Com essas definições a família, enquanto grupo doméstico pertence a uma organização interna de relação de poder, de divisão de trabalho, de legitimidade de espaço e hierarquia demarcando o masculino e feminino. E nesses espaços as mulheres constituem uma importante representatividade de seleção e proteção das sementes.

Ainda cabe destacar suas particularidades em relação à unidade de produção, ou seja, suas especificidades principalmente relacionadas à diversidade dos ambientes naturais. Para Giddens (1997, p. 81), “a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituída para ter uma pesada influência para o presente”.

Com essas nuances onde o presente e passado estão entrelaçados “[...] chega fazer o futuro voltar ao passado, enquanto também aproxima o passado para reconstruir o futuro” (GIDDENS, 1997, p.80), demonstrando que a tradição está envolvida no controle do tempo. Para isso o ritual é um elemento vital que tece a preservação da tradição, enquanto um mecanismo que preserva a memória coletiva e as verdades inerentes ao tradicional.

No caso das sementes crioulas, o ritual é identificado no fazer as sementes, técnicas apreendidas em casa e no guardar a semente, meios eficientes e adequadas de se preservá-la. Fato relatado FG2, na sua casa vários valores do passado ainda são cultivadas

[...] aqui e como era antes, não compramos carne, frango, ovo, banha, feijão a farinha de milho branco. Tudo caseiro. Nos fazemos tudo [...] até esse angu feito com essa farinha. Ano que vem quero plantar bastante, ano que vem eu quero vender. (Informação verbal do guardião FG2 em 17/09/2019).

Segundo a guardiã FG1, no “passado se tinha uma maior diversidade de semente com exceção do sal e do açúcar tudo era feito aqui para o consumo” porque era difícil adquirir algo fora e a comunidade se ajudava mais.

Antigamente a gente tinha em casa ne? [...] semente de cebola era feito em casa. Semente de abobora a gente tirava semente secava em casa, a gente não comprava semente [...] Hoje tudo é comprado [...] (Informação verbal da guardiã FG1 em 17/09/2019).

De acordo guardiã FG2 “a tradição está representada com o papel da mulher em dar significado” em conservar as variedades de sementes crioulas

Sempre tive o interesse de fazer o que o pai e a mãe sempre plantavam né? [...] Tradição e tradição. [...] Semente deixa um pouquinho pra semente [...] Semente às vezes o vizinho precisa pra plantar porque as vezes ele não tem a gente dá [...] A gente arruma um pouquinho. [...] É pra não perder o inço. [...] Não pode perder. [...] E porque todos vêm aqui. Direto aqui quando se perde. [...] Esse ano eu tenho menos sementes eu tinha mais semente. [...] Quando tem muita chuva e fica muito seco se perde semente. [...] Eu amo que faço. (Informação verbal da guardiã FG2 em 17/09/2019).

Segundo FG2 “guardar as sementes crioulas está carregada de emoções e significados”. Porque ela possui uma memória social que está interligada a filosofia do agricultor guardião, o qual reproduz hábitos criando e recriando a tradição, o gosto, o espaço de poder, de reciprocidade, de trabalho, de alimentação e de um valor familiar.

Diante dessas concepções sociológicas, a existência dos guardiões está diretamente contra o sistema vigente de privatização de sementes, tal como transgenia e a hibridação. O qual Giddens (1991, p. 14), comenta que “os modos de vida produzidos pela a modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedente”.

Tornando a ponta de lança ao sistema convencional de agricultura venenosa.

3 Ambientes, sementes e suas relações com os guardiões quilombolas

3.1 O guardião quilombola e o manejo de sua agrobiodiversidade

A conservação das sementes de variedades crioulas⁵ tornou-se um aspecto fundamental na preservação da agrobiodiversidade, principalmente no que concerne aquela de clima subtropical e temperado, que têm sido pouco alcançadas pelas instituições de pesquisa e desenvolvimento.

Geralmente esse material genético encontra-se nas mãos de agricultores familiares, assentados da reforma agrária, quilombolas e comunidades tradicionais⁶ os quais podem ser considerados “guardiões de sementes”. Estas variedades vêm passando de geração em geração, submetidas a um processo de seleção local pelos agricultores, através de melhoramento voltado para as necessidades locais, adaptadas aos seus agroecossistemas.

Mundialmente, existem duas formas de conservação dos recursos genéticos; a conservação *in situ*, ou seja, nos locais de ocorrência natural dos recursos genéticos, bem como, nas unidades de produção agrícolas familiares (MMA, 2000) e o *ex situ*, que é realizado por instituições de pesquisa e companhias produtoras de sementes (MMA, 2000), ou seja, fora dos seus locais de ocorrência natural.

Ao pensar a conservação *in situ* é necessário ter a percepção de que as sementes, não são apenas um recurso genético, mas sim um patrimônio, uma vez que, carregam além das características agronômicas e ecológicas, características sociais e culturais.

Portanto, não se pode tratar apenas da conservação das sementes crioulas, do recurso genético em si, nela estão representadas as cosmovisões e as ancestralidades de um povo, mas também a conservação das suas formas

⁵ Sementes crioulas ou locais são aquelas melhoradas e adaptadas por agricultores e agricultoras, por seus próprios métodos e sistemas de manejos, desde que a agricultura se iniciou há mais de dez mil anos (CORREA e WERD, 2006).

⁶ Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (DEDIHC, 2007).

de compreender todos os agroecossistemas, do mundo e de manter e gerar aprendizados com os outros seres humanos em conjunto e com seus locais de produção, dos mais diversos sistemas de plantio, como, os mais diversos meios de cultivá-los entre os seus agricultores (CUNHA, 2013).

Destaca-se que, uma vez que as sementes crioulas necessitam dos agricultores guardiões para sobreviver e disseminarem-se, inserem-se aqui todas suas tradições, os significados sobre suas práticas, suas memórias, seus saberes e fazeres representados como atores no manejo dos agroecossistemas, o qual está impregnado por um viés cultural (GARLET, 1997; OLANDA, 2015).

A trivialidade existente na terminologia Guardiã de Sementes se fez necessário, porque um Guardiã é um ser que defende de forma destemida aquilo que para ele tem representatividade, o seu patrimônio genético e cultural.

O pensar de um Guardiã de Sementes, faz surgir uma relação quase simbiótica entre agricultor e semente, fundindo histórias de vida do agricultor e da semente, ou seja, uma história de vida não pode ser contada, sem que a outra esteja presente (PINHEIRO, 2018).

Contudo, o termo “guardiões de sementes” foi cunhado há poucos anos, e não está perfeitamente concluído ou delimitado, conforme afirmam Bevilaqua *et al.*, (2014). Nesse contexto Olanda (2015), afirma que a terminologia guardiões de sementes, surge da necessidade de orientar a população em geral sobre a erosão genética, a contaminação transgênica e a apropriação indevida das sementes crioulas, da cultura e do conhecimento impregnado as sementes por grupos e corporações que visam o lucro.

Conforme Bevilaqua *et al.*, (2014) os agricultores familiares e suas entidades representativas são responsáveis pela manutenção de um patrimônio importantíssimo para a humanidade, por meio da conservação das sementes de cultivares crioulas, apesar do grande avanço da agricultura moderna.

A erosão genética compromete diretamente a agrobiodiversidade, levando à pobreza econômica, cultural e nutricional e ao desaparecimento de cultivares crioulas que poderiam solucionar todos os problemas atuais e futuros da agricultura, afetando seriamente a sustentabilidade, fortalecendo o processo

de destruição da memória social da semente e dos seus saberes junto com a agrobiodiversidade (ANTUNES e BEVILAQUA, 2009).

Assim, a agricultura em suas dimensões social, econômica, ambiental e cultural, que são transmitidas de geração em geração, pela erosão genética, aos poucos vão sendo perdidas, pois muitos dos genes que poderão solucionar problemas atuais e futuros, encontram-se nas cultivares crioulas que estão desaparecendo, ou que se encontram sub-utilizadas. Estas perdas ocorrem em prol de um saber atribuído aos centros de ensino e pesquisa e empresas transnacionais que instigam e desqualificam o trabalho desenvolvido nas pequenas unidades agrícolas pelos agricultores guardiões, visando hipocritamente o estabelecimento de poderes centrados no capital e no controle e monopólio das sementes (OLANDA, 2015)

Os agroecossistemas produtivos tradicionais, altamente complexos e diversificados, foram substituídos por modelos simplificados de produção agrícola, artificializados, pouco diversos, que necessitam de constantes intervenções para se manterem produtivos (ALTIERI e NICHOLLS, 1994). Para maximizar a capacidade de sobrevivência e, sob o ponto de vista socioambiental, as cultivares crioulas possuem grande potencial para o desenvolvimento de novas cultivares adaptadas a sistemas de produção com baixa utilização de insumos e de recursos naturais (BEVILAQUA *et. al.*, 2014).

3.2 O universo do guardião quilombola

A artificialização da agricultura, que vem com incentivo e patrocínio do grande capital e visa apenas um interesse: o lucro imediato, para o qual, promoveu a substituição das cultivares tradicionais por cultivares modernas e híbridas altamente dependentes de insumos químicos e agrotóxicos (ALTIERI, 2002), ocasionando com isso a perda da biodiversidade e do germoplasma tradicional. Prova desta intervenção, é o fato encontrado de forma explícita na comunidade dos Teixeiras em Mostardas onde os guardiões são uma ilha no meio do veneno o qual o comentário diz:

Aqui onde te mostrei tem resquícios da casa do coronel nessa enseada onde está a lavoura. [...] aqui havia vários açudes naturais onde cada uma possuía seu nome e tinha peixe traíra a vontade. [...] Nego preserva e o branco destrói. Destruíram tudo! (Informação verbal do guardião FG20 em 24/09/2019).

A denominação de ilha lançada pelo guardião FG20 expôs as diferenças entre o modo de cultivar dos agricultores tradicionais e o convencional:

Quando o avião passa fica aquele cheiro de veneno é um horror. [...] pode estar ventando forte que é proibido, mas eles fazem assim mesmo já denunciemos e as autoridades não fizeram nada. [...] são tudo comprado. (Informação verbal do guardião FG20 em 24/09/2019).

Os guardiões possuem um legado conservacionista no qual desenvolvem técnicas empíricas de cunho sociocultural para resgate, manutenção e dispersão dos materiais crioulos, cujas práticas são passadas de geração em geração (BEVILAQUA *et al*, 2014) e de proteção dos recursos naturais para sua manutenção.

Segundo afirmação de Pinheiro (2018) e Pelwig *et al.*, (2008), os agricultores mantêm suas sementes devido a alguns fatores como a adaptabilidade das sementes, valorização dos costumes e saberes tradicionais.

De acordo com Olanda, (2015) manter e reproduzir uma semente crioula traz em sua formação, um conhecimento acumulado, de um saber fazer, o qual é apreendido e transmitido pelas sucessivas gerações, proporcionando particularidades nos seus modos de fazer as agriculturas, os quais possuem uma estreita relação com a comida. A mesma autora afirma que muitas são as famílias agricultoras que permanecem na agricultura produzindo parte de sua alimentação, à qual se vincula a manutenção de sementes crioulas, como uma estratégia que possibilita certos níveis de autonomia, não unicamente econômica, mas também de tomadas de decisões.

Diante dessas informações a manutenção das sementes crioulas gera autonomia, fato que representa uma crescente noção de resistência e sabedoria ao valorizar sua tradição e proporcionar alimento de qualidade. Essa oportunidade de produzir comida de qualidade, nos remete as tradições ancestrais as quais apresentam valores de suas cosmovisões. Tais características estão ligadas as sementes que esse agricultor possui que apresenta os mais variados tipos de alimentos, que estão em muitos casos ligados à sua tradição e aos seus rituais culturais e místicos que passam a ser re-significadas em relação a sua história, a sua memória e sua identidade (NODARI e GUERRA, 2015; OLANDA, 2015).

Segundo Olanda (2015), constata-se que as sementes crioulas proporcionam aos agricultores guardiões, muito mais do que segurança alimentar e autonomia, elas ultrapassam a noção do alimento, sendo que se pode constatar que a atitude de ser agricultor guardião de sementes proporciona a adoção de estratégias de manejo de acordo com as condições ambientais, de trabalho e de infraestrutura que apresentam as unidades produtivas agrícolas familiares atingindo perspectivas socioculturais.

Ao conservarem a agrobiodiversidade, os agricultores quilombolas promoveram práticas e inovações que são agora reconhecidas pela comunidade científica e pelos tomadores de decisões. Mas também a diversidade encontrada nas variedades crioulas permitiu, através da seleção natural e pela seleção praticada pelos agricultores, a adaptação aos mais diversos ambientes, com o desenvolvimento de características diferenciadas em muitos casos únicos, as quais, não são encontradas nos centros de origem, sendo em muitos dos casos, as espécies domesticadas associadas aos valores culturais e seus ritos ganhando seu nome passando a ser parte da comunidade local (NODARI e GUERRA, 2015).

Com todo esse aspecto faz surgir uma nova categoria sociológica, a “família guardiã”, que encaixa justamente no ponto de identificar autonomia e resistência, que, de forma organizada, poderá buscar reconhecimento e resgatar seus valores culturais, saindo assim da invisibilidade para ocupar um espaço que a territorializa e demarca a existência de uma agricultura familiar, a qual é oriunda de sua trajetória de vida (OLANDA, 2015).

Segundo Olanda (2015) fazer agricultura só pode ser encontrado nas sementes crioulas, uma vez que a relação com o ambiente natural, com o ato de cultivar a terra, inserida aos valores culturais e o meio ambiente estão entrelaçados através da relação estabelecida entre agricultores e sementes e dessa forma é necessário inserir um pensamento diferente para o desenvolvimento do espaço rural. Tal pensamento, um pensamento agroecológico, deve ser resgatado, pois se constitui em uma ferramenta preciosa na preservação dessa cultura e seu modo de vida que vem ao longo de gerações perpetuando esses saberes, tendo sua base no repasse material e imaterial representados pelas sementes crioulas.

Neste sentido, as famílias guardiã quilombolas, dotadas de uma rica diversidade cultural, manipulam de forma diferenciada suas sementes crioulas, o que permite a manutenção de diferentes espécies e variedades. Desta forma, as expressões culturais, as cosmovisões quilombolas que associam o seu território tradicionalmente ocupado ao pertencimento de uma identidade diferenciada, as formas de uso, manutenção e valorização diferenciados, tornam imprescindível a valorização do saber fazer local.

3.3 A agrobiodiversidade e as formas de preservação das variedades crioulas

Ao manter espécies e variedades de sementes crioulas esses agricultores quilombolas são mantedores dessas variedades mantidas a partir do seu. As famílias atribuem diferentes motivos para a manutenção das sementes, cada uma com suas justificativas envolvidas no âmbito ambiental, sócio-cultural, econômico e tradicional.

Na ótica dos agricultores guardiões de sementes, conservar e manter uma semente crioula traduz-se em duas medidas; a primeira é conservar através do uso, prática que está inserida intrinsecamente na lógica da agricultura camponesa, porque está ligada a atitude de sobrevivência das famílias agricultoras; a segunda, é o compartilhamento, que está relacionado à solidariedade presente entre os agricultores (ANTUNES *et. al.*, 2018a).

O conservar as sementes, para os agricultores guardiões quilombolas, assume diversos significados, mas com o mesmo sentido, de ter, possuir, manter, existir, preservar. Essas ações relacionam-se não somente com o plantar, colher e armazenar, mas também, com o viver, conviver, sobreviver, compartilhar e resgatar essas variedades.

Os agricultores guardiões mantêm suas sementes e desenvolvem suas criações, e técnicas de cultivo, com um objetivo, não só de almejar uma maior produtividade, ou alcançar uma melhor renda comercial, mas também de satisfazer as suas necessidades culturais, culinárias e em muitos casos religiosos, bem como melhor adaptabilidade aos seus agroecossistemas entre outros aspectos (PINHEIRO, 2018). O conservar a semente significa independência e liberdade, portanto:

É importante manter a semente.
Porque é difícil de conseguir depois. [...] é tudo mais caro.

Se fosse comprar semente eu ia pagar uns 12 reais o quilo. [...] guardando eu economizo uns 120 reis. [...] feijão eu tenho para plantar, de tudo tipo de feijão preto, mamona, carioquinha, o vermelho. (Informação verbal do guardião FG 4 em 18/09/2019).

Portanto, resgatar, reproduzir e manter sementes crioulas é um comportamento que caracteriza a apropriação da natureza pelos agricultores guardiões quilombolas, as quais cumprem determinadas funções, sendo a primeira a da sobrevivência da família; posteriormente, emergem outras propriedades como autonomia, identidade, memória e tradição.

E umas das formas de se preservar sementes nessas comunidades são necessárias fazer uma analogia de como se conservava antigamente essas variedades com dias atuais. As entrevistas com guardiões quilombolas relatam de forma unânime a forma de conservação.

3.4 A palavra das comunidades quilombolas de Mostardas

A comunidade da Casca onde está localizada a uma distância de 70 km da sede do município, apresenta os seguintes relatos:

A história se dá da sinhá dona Quitéria que em 1824 e aberto o testamento ela deixa para os 21 escravos não se sabe os nomes deles só tinha pré-nome os escravos na história se dá da menina Flutuosa. Que era uma guria nova 13 anos quando foi aberto o testamento e dela se tem a maioria da geração aqui veio dela. Os escravos eram liberto onde cada um tinha a sua casa e trabalhavam pra sinhá por ela não ter filho e obedecendo o pedido do Capitão Francisco deixa os bens, O gado, e mais de dois mil hectares terra aos escravos dela que foram liberto o terreno ia de frente pro mar e fundos a lagoas dos patos. (Informação verbal do guardião FG10 em 21/09/2019).

Segundo relatos de Silva (2007) os herdeiros da dona Quitéria e as demais comunidades aqui pesquisadas passaram por um processo de reconhecimento por parte do estado brasileiro o qual foi possível a partir do Artigo 68 do Ato das Disposições Constituinte Transitória da constituição de 1988. Com base neste artigo constitucional acima referido, no ano 2003, a Presidência da República promulgou o Decreto-Lei 4887/03, que dá providência às normas e ritos para o processo de regularização fundiária das comunidades remanescentes de quilombos no país. As funções e os procedimentos técnicos e administrativos ficam incumbidos ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para titulação e reconhecimento de suas terras.

Com essa lei foi possível ampliar novos meios aos negros de se apropriar de seu território ancestral o qual retrata:

Ser quilombola é um instrumento, arma que a gente tem e deve se unir um pouco mais né. [...] porque o negro e muito desunido isso vem da cultura que a gente foi nos ensinado, ao ser desunido faz parte da cultura ela já está assimilada e isso fez nos unir mais pelo direito pela igualdade e ocupa os espaços que lhe foi tirado. O espaço que o ser humano tem que o branco ocupa né. [...] o negro não consegue chegar lá. [...] hoje ser quilombola diz o seguinte é direito de nós sermos igual e temos o direito o que foi negado isso tem uma grande importância para nós né. [...] pelo reconhecimento né. [...] isso causa muita dor de cabeça para os racistas e privilegiados né. [...] de ver o negro ocupando esses espaços que foi tirado, que era só do branco. Até a questão da cultura o que foi ensinado que o negro não deveria ocupar esses espaços porque foi ensinado que o negro não deveria estar ali. (Informação verbal do guardião FG10 em 21/09/2019).

Essa reflexão de demonstra o empoderamento e a profundidade que esses agricultores possuem ao expor sua opinião sobre de sua realidade de sua cultura e identidade.

A manutenção das famílias, bem como sua permanência, está nas condições sociais e nas oportunidades de ascender socialmente e uma das dificuldades encontrada em todas as comunidades pesquisadas é a questão da sucessão, na qual cada comunidade apresenta níveis diferentes. Assim, minhas percepções identificaram que é na comunidade da Casca onde se observa o fenômeno com mais nitidez em relação às outras, em um processo grave de falta de sucessão confirmada pelo entrevistado, ao dizer:

Olha eu tentei que meu filho trabalha aqui comigo. Briguei com ele e não adianta a mentalidade dele é da cidade não adianta hoje ele mora em Palmares do Sul
Posso lhe fala que a situação aqui está terrível e uma comunidade de velho e doente o guardião e o conhecimento estão morrendo com eles os jovens vão embora sem olhar pra trás e triste. (Informação verbal do guardião FG 10 em 21/09/2019).

Isso me levou a muitos questionamentos: o porquê isso está ocorrendo na Casca, mas não apenas nesta comunidade. Daí surgem algumas respostas como o melhor acesso à educação, pois em muitos relatos dos moradores das comunidades comentaram que seus filhos, netos estão acessando a Universidade e assim esses jovens vão buscar melhores oportunidades na vida.

Na comunidade dos Teixeiras localizada a 8 km da sede do município de Mostardas, a situação o difere a da comunidade da Casca, pois lá alguns jovens vão em busca de novas oportunidades, mas há jovens que desejam

viver e permanecer em seus territórios. Uma das justificativas é a sua proximidade com a cidade onde muitos trabalham, enquanto outros trabalham nas fazendas e granjas no entorno e moram na comunidade. Sua diferença é a produção de arroz de modo convencional e mecanizada do qual hoje parte da comunidade obtém parcela de sua renda.

Segundo Freitas (2016), em meados 1826 os ex-escravos que viviam neste território recebem por doação essas terras da senhora Roza Thereza de Jesus que as deixou em testamento. Desde então, essas populações vivem e vêm garantindo o sustento e a manutenção de suas terras segundo relatos dos moradores.

O território dos Teixeiras foi doado pela senhora Roza Thereza de Jesus que deixou em testamento a doação aos seus negros.
(Informação verbal da guardiã FG23 em 25/09/2019).

Ao penetrar mais intensamente na perspectiva das famílias remanescentes de quilombo, faz necessário atender a importância histórica do processo de ocupação do local que, até hoje, é utilizado pelas famílias quilombolas. Segundo Freitas, a existência de aproximadamente 96 famílias na comunidade dos Teixeiras corresponde com as mesmas características que a comunidade da Casca em relação ao recebimento das terras que hoje habitam; vêm do legado de grandes proprietários de terras da região.

Sem dúvida, conhecer o legado desses agricultores negros me deu esperanças de concretização dos sonhos de outros grupos em ter suas terras ancestrais homologadas. Mas isso será um processo infelizmente árduo.

Segundo Freitas (2016), o governo estadual do RS promoveu uma regularização das terras da comunidade dos Teixeiras no ano de 1963 individualizando esse território, mas retirando parte dessas terras da comunidade e colocando à venda para pessoas de fora da comunidade negra rural. Após esta regularização das terras, as áreas antes eram de uso comum, foram divididas entre as famílias, atribuindo a ela o título de propriedade individualizada. Esse processo assegurou a regularização das terras, mas fez que houvesse a perda territorial em relação à área original.

E seu reconhecimento para alguns moradores não foi benéfico porque tirou benefícios que antes ele conseguia desfrutar, conforme o próximo comentário expõe.

Olha moço eu não acredito nessa história de quilombo nossos antepassados não se falava nisso. Agora nessas novas políticas públicas e que inventaram isso aí eu não vejo nem um futuro para mim. [...] esse tal palavrinha quilombo aqui só tem 12 anos. Pra nós vinha RS Rural e nos beneficiava agora com quilombo não vem nada. Da palavrinha quilombo não vem nada e muita dificuldade pra sobreviver com quilombo. Aí eu pergunto? Eles falam sobre a questão negra porque essa região essa terra foi doada não foi comprado nossos antepassados nasceram aqui, eles se criaram aqui e morreram e aqui nasceram os filhos. (Informação verbal do guardião FG20 em 24/09/2019).

O fato de questionar o termo quilombola está mais ligado a esses entraves burocráticos criados pelos órgãos públicos ao conseguir subsídios (recursos) para produzir, ou seja, o que deveria ser um facilitador na questão de obtenção de recursos, se torna mais um obstáculo a comunidade. Isso não significa que a comunidade dos Teixeiras não possua sua identidade quilombola, eles os têm.

3.5 A palavra das comunidades quilombolas de Tavares

A comunidade quilombola de Tavares foi o primeiro local a ser pesquisado com o apoio da EMATER, que possibilitou o deslocamento entre as comunidades. A comunidade Capororocas dista 4Km do centro da cidade, sendo composta por 11 famílias. Essa proximidade permite que parte dos moradores trabalhe na cidade e retorne à noite. Por serem comunidades pequenas em comparação de Mostardas apresentam algumas especificidades, conforme o comentário a seguir:

Ela surgiu na época dos meus avós ele morava no rincão e minha avó morava aqui por perto não pergunta que não sei na época e no futuro eles compraram esse lote terra e ficaram donos. Então eu admiro quem luta pela terra eu não brigo por terra aqui a comunidade e muito pacífico porque não brigamos por terra porque nosso avô que deixou claro que teve aquele com privilégio que comprou mais um pedacinho. Eu e meu irmão moramos justamente onde era a chácara do meu avô. [...] a sede do quilombo é aqui onde nasceu as tudo que reunião acontecia aqui agora tá mais central né! [...] mais central, mas o foco do quilombo onde é a raiz é aqui faz não conheci faz 80, 90 anos que são falecidos. (Informação verbal da guardiã FG1 em 17/09/2019).

As raízes culturais e simbólicas a esse território negro são descritas com o comentário:

Segundo documentos a pioneira, a fundadora da comunidade se localiza no 2º distrito de Tavares a escrava Marinha Vieira Rosca que em 1888 partiu da África do Sul como escrava chegou livre menina no Rio de Janeiro vindo para cá trabalhar como doceira. (informação verbal do guardião FG6 em 18/09/2019).

Outro relato de uma agricultora sobre suas origens também é revelada:

Os primeiros a chegar aos Olhos D' Água foi a vó marinha por isso o nome da associação. Minha mãe era descendente de escravo. Comentário de uma guardiã olhos d'água. (Informação verbal da Guardiã FG5 em 18/09/2019).

Outro comentário de um guardião sobre a origem da comunidade revela:

O meu bisavô era escravo ele veio de um navio e pousou aqui até uma veia veio de lá a vó marinha ele tinha marca aqui nas costas. (Informação verbal do guardião FG8 em 19/09/2019).

Composta por 20 famílias a comunidade Olhos D' Água está localizada a 8 Km da cidade de Tavares, onde muitos jovens vão estudar e trabalhar. Essa circulação faz parte da maioria dos moradores da comunidade.

O saber acumulado por gerações e o instinto de sobrevivência em manter viva sua cultura, fez e faz as comunidades ainda existirem.

3.6 A agrobiodiversidade e sua complexidade em relação aos saberes tradicionais

A necessidade crescente de proteção dos recursos naturais, solo e água, principalmente, vem sendo discutida levando à reflexão e ao despertar das necessidades quanto ao senso de preservação da agrobiodiversidade, tal como integrar os grupos sociais a problematizar sua importância no equilíbrio ambiental, considerando deste modo o território quilombola e importante para consolidar os sistemas agroecológicos. E sua base de produção agroecológica é um processo contínuo e pertinente para o desenvolvimento representado pela mudança de paradigma relacionada à produção de cultivares livre de veneno, ou seja, alimentos saudáveis (ANTUNES *et al.*, 2018a)

Diante da complexidade que é esses sistemas biodiversos sua definição busca compreender a grande variabilidade a quem fornece e agrega as necessidades dos agricultores com uma variedade de conjunto que acabam influenciando sua conduta se expondo a um emaranhado de visões e cosmovisões esse pensamento questionador colocando o próprio conhecimento sob olhar crítico (ANTUNES *et al.*, 2018b).

Segundo Morin (2005) garante que o princípio do conhecimento desenvolvido pela ciência, até o final da primeira metade século XX, partia do pressuposto de separar o homem da natureza, ou seja, para o conhecimento

do homem, era necessário eliminar tudo o que fosse natural, bem como, tudo aquilo que não pudesse ser quantificado.

Com as crises ambientais, principalmente na agricultura, e a sua ênfase em soluções tecnocráticas e reducionistas, surge a necessidade da noção de interdisciplinaridade juntamente com a emergência do pensamento complexo, Leff (2010), para o estudo e possíveis soluções dos problemas atuais. Morin (2005, p. 177) mostra que “a complexidade surge como dificuldade, como incerteza e não como uma clareza e como resposta; o problema é saber se há uma possibilidade de responder ao desafio da incerteza e da dificuldade”.

Assim, para uma melhor abordagem, é necessário a dissipação dessas ilusões, porque a complexidade aparece onde a simplificação falha, onde o simples não é suficiente para a compreensão. Rejeitando o saber parcelado sugerindo o pensamento multidimensional para compreensão mais verdadeira do real, e não para ter a verdade total, o conhecimento verdadeiro, a solução para tudo, mas para abordar os diversos saberes, nas diversas áreas de estudos e formas de ciência, abrindo espaços para novas formas de conhecimento e compreensão da realidade.

Esse desvirtuamento provocou uma confusão entre o que deveria ser um meio e não um fim em si mesmo. E esse efeito perverso se generalizou no meio acadêmico principalmente na parte agrária. O populismo científico permitiu a descoberta de inúmeros veios não privilegiados, mas essas perspectivas populistas de coloris a vontade do pesquisador tende a estereotipar as populações concernentes que deveriam ser ouvidas e valorizadas.

Diante dessas indagações o desenvolvimento de uma cultura mais sustentável vem do estímulo e valorização das comunidades tradicionais, do seu legado cultural e simbólico alinhada ao seu acervo genético (guardiões da agrobiodiversidade), assegurando a segurança alimentar e a inclusão social.

Mas diante de uma tecnologia pré-programada na agricultura moderna e, em particular, no Brasil, tem levado à ocorrência de problemas a toda sociedade, principalmente com o modelo neoliberal tomando as rédeas, reduzindo o estado ao mínimo e privatizando setores estratégicos, fragilizando o estado, marginalizando parte de setores dos quais a sociedade é dependente colocando-os à margens da sociedade os excluindo-os em relação às políticas

públicas deixa à mercê do grande capital as comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas que correm o risco de transformarem seus territórios em mercadoria.

A erosão genética e o empobrecimento dos agricultores familiares geram a erosão cultural que no fim gera uma crise social, ambiental e alimentar na comunidade, na região e no Brasil, porque essas erosões levam ao desaparecimento da cultura material e imaterial. Tal processo compõem os comentários:

Hoje quem está na chácara e o pessoal mais velho o jovem não está no campo e na verdade eu não sei se estão errados. O pessoal mais jovem não está interessado, desse jeito vai se perder [...]. (Informação verbal do guardião FG6 em 18/09/2019).

Os jovens não querem ficar e vão se perdendo [...] Hoje ninguém planta hoje eu plantei um pouco pro bicho um pouco de milho [...] Hoje e mais barato comprar [...] O governo libera mais veneno [...] E eu to ficando velho com dor na coluna to com 68 anos. [...] antigamente tinha muita criança.
Hoje não. (Informação verbal do guardião FG7 em 19/09/2019).

A questão da sucessão é um fenômeno que leva a outros processos de redução da variabilidade alimentar, que leva a extinção de inúmeras variedades refletindo diretamente nas comunidades. Como a migração de jovem em busca de novas oportunidades, de novas experiências, levando ao envelhecimento dos guardiões e conseqüentemente a perda desse material genético e dessa cultura.

4 Variedades crioulas e os sistemas de produção quilombolas

4.1 Sistemas de produção da família guardiã quilombola

As interações que estabelecemos com os guardiões quilombolas propiciaram uma reflexão da noção de agricultura e sua relação com outros domínios relativos à vida social, cultural e material desses agricultores familiares. A agricultura é um sistema construído em torno das relações sociais, além do ambiente e da planta, que incorpora certos elementos em função dos contextos culturais, ecológicos, históricos ou ainda políticos (EMPERAIRE, 2008).

O produzir pressupõe estabelecer relações com a natureza, como também relações com o ambiente natural e social por serem dinâmicas e variadas, essas relações pré-estabelecidas. Deste modo, o sistema técnico de produção e sua evolução é mutável e específico, em função das situações particulares, tanto do ponto de vista social ou cultural, quanto econômico. (SABOURIN, 2004).

A diversidade vem sendo a responsável pela reprodução desse sistema que é entendida como solução às realidades socioeconômica e ambiental, que se encontra em constante mediação com a tradição, o que leva ao manuseio de uma diversidade de variedades e de culturas consumidas, incluindo espécies de animais. Essas sementes que vem sofrendo pressões do ambiente natural, específico em cada safra de cultivo e da seleção humana é conhecida como crioulização e recrioulização de uma variedade (ANTUNES *et. al.*, 2018b). Assim ela é retratada com suas especificidades de fenótipos e genótipos diversos, em cor, sabor, textura e trabalho de mãos que as cultivam, colhem e selecionam as sementes, de acordo com questões muitas vezes pessoais.

As condições dos Guardiões de Sementes se materializam no seu ato de produzir, em manter e usar as sementes crioulas, como criação de um saber fazer. Deste modo fica explícito nos comentários sábios sobre o saber fazer e produzir alimento de qualidade:

Por que tudo adocece?
 Fiz tudo, análise de solo. [...] aí vem os agrônomos dizer pra nós como produzir [...] aí vem os engenheiros que vêm modificando tudo. Deixa nós trabalhar com a nossa agricultura.
 Quando veio a Embrapa com solução de semente essas variedades modificadas
 Acabou agricultura. (Informação verbal do Guardiã FG19 em 23/09/2019).

Essas indagações narradas trazem muitos questionamentos frente à forma de modernização que teve e tem um efeito perverso e desestabilizador nos processos produtivos devido as suas concepções, ideologias, metodologias, pratica equivocadas utilizadas pelo modelo de ciência ocidental, a qual é feita de modo vertical de cima para baixo, passa a ser estabelecida como a verdade suprema, modelo esse enfático, fidedigno, que de fato segue o modelo cartesiano, o qual exclui todas as outras formas, como o conhecimento empírico da agricultura.

Os comentário e percepções desses agricultores sobre meios de produção ecoam com diversos comentários que dizem:

Nos tempos de antigamente era muito bom, agora só essas barbaridades[...] Naquela época se produzia tudo, tudo dava, o meu pai produzia bastante feijão, batata tudo e nos trabalhava bastante eu me lembro que nós, na época, não tinha nem 8 anos a gente ia trabalhar. (Informação verbal da Guardiã FG17 em 22/09/2019).

Com 8 anos nós já trabalhava, nós plantava cebola, batata doce, feijão mouro mamono e preto e girassol, era o que mais plantava, nós plantava cebola em quantidade chegava a ter dois caminhões por ano. Quando aqui cheguei meu pai tinha muitas amizades então ele tinha vaca de leite tinha boi não era dele era dos fazendeiros. Amansava usava e depois devolvia ao dono. Nós em si não tinha; no início foi difícil até conseguir os próprios bichos. Antigamente era lavrado a pá, a boi, eu lavrava a boi depois cortava, encanteirava; de boi era isso. Nossa trajetória até os anos 90 e poucos ai chegou o trator (Informação verbal da Guardiã FG10 em 21/09/2019).

Na época as terras eram preparadas a boi, o arado de boi era feita bem cedo era tudo no arado mesmo. As cercas eram feitas de cerca viva feita de gravatá, da tuna, da marica era tudo dobrado, fazia bem cedo fazia taipa de pá na volta da cerca tudo fechava tudo e a plantação no cercado era própria semente que guardava [...] Houve mudança, do roçado de animal a máquina melhora um pouco e mais mecanização agrícola agora é mais utilizado o trator a ferramenta pra trabalhar o solo. [...] o trabalho é mais rápido de primeiro era bem demorado (informação verbal do guardião FG21 em 25/09/2019).

O milho era capinado a enxada e não usava nada de agrotóxico era tudo orgânico. O milho, o feijão, o aipim, batata, amendoim tudo orgânico (Informação verbal da guardiã FG2 em 17/09/2019).

Está evoluindo muito rápido no tempo dos meus pais de nós criança os nossos pais lavravam com boi, de cavalo, capinava a inchado. Agora melhora né! [...] antigamente era muito serviço braçal ai hoje o serviço braçal que o homem fazia está a serviço da maquina (Informação verbal da guardiã FG1 em 17/09/2019).

Eu vou contar a história: planto nessa terra há anos a minha cebola e é muito boa; meu bisavô criou meu avô plantando em cima dessa terra e o meu avô criou minha mãe que teria 100 anos e eu to ficando velho na mesma terra.

Quando meu pai tava plantando feijão miúdo um dia chegou um velho disse essa terra é velha pra ti vê. Quando era criança arrancava feijão miúdo com falecido Zé Lauro disse que essa terra já é velha tem mais de 100 anos naquela época né!

Toda vida aí plantando cebola, batata, feijão toda vida assim capinado a inchada e a boi. Botando calcário é o que endireita (Informação verbal do guardião FG7 em 19/09/2019).

Com tais comentários esses agricultores interagem com os ecossistemas, assim como a espécie humana interagiu desde seus primórdios e até a atualidade. Neste processo o ser humano se apropriou da natureza, embora de forma organizada, realizada pelos povos tradicionais buscando a sabedoria acumulada de seus antepassados, para cultivar suas sementes, ervas medicinais, e criar seus animais. Desta maneira a cultura do agricultor guardião não é apenas preservar sementes, mas também, remanescentes de mata nativa, que servem de abrigo a inimigos naturais e a fauna silvestre, e como quebra-ventos e reguladores ambientais. Por isso insere-se a conservação em nível de diversidade de paisagem, simplesmente porque, diferentes agricultores, apresentam diferentes formas de interagir com a natureza, gerando diferentes paisagens.

4.2 “Os que temos e cultivamos para produção de alimento” e o papel da cultura

A produção agrícola dos agricultores guardiões quilombolas não está na esfera do mercado municipal, de Tavares e Mostardas que são as commodities de arroz e cebola, portanto não estabelece relações diretas com as mesmas. Em vista disso, o modo de produzir sementes crioulas cumpre todas as funções necessárias de reproduzir um sistema desenvolvido pela família porque as relações com os mercados na região não estão tão desenvolvidos, quanto em centros urbanos maiores para a comercialização de uma produção agrícolas variada. Desta forma a venda fica restrita a associação dos agricultores de cada cidade e a interessados em um alimento de qualidade.

Vale considerar que a relação com o mercado não impõe explicitamente o uso de um pacote tecnológico no sistema produtivo dos agricultores, portanto o que define são seus valores, suas convicções ao adotar

essa tecnologia principalmente o trator que é um facilitador do trabalho no campo.

Alguns dos agricultores guardiões, principalmente os residentes em Tavares, cultivam cebola. Este produto necessita intenso uso de agrotóxico, conforme podemos verificar no relato da guardiã FG2 “hoje em dia a cebola recebe muito agrotóxico, muito veneno, mas nos não usamos essas coisas aqui na nossa horta, tudo é orgânico”.

Outro agricultor que planta um pequeno lote de cebola convencional relatou que “um vizinho plantou e colheu uma cebola linda e não conseguiu vender por que não tinha papel” (FG8). Segundo nosso interlocutor o convencional tem subsídio e assistência técnica, o que permite, a muitos desses agricultores, um meio de conseguir uma renda. Entretanto, a maioria dos agricultores guardiões pratica a produção de subsistência, além de outras atividades laborais para melhorar a renda das famílias.

Ao guardar essas sementes os agricultores estão protegendo suas histórias e suas memórias acumuladas ao longo de gerações, pelas quais transmitem as formas de usos dessas variedades. O ato de guardar semente não é só uma questão de capricho, ele está carregado de significados, o que é uma tradição passada de geração a geração.

Desta maneira, o ato de comer um alimento de uma semente que está presente há várias gerações traz lembranças do passado e que, futuramente, serão transmitidas aos seus descendentes. De acordo com comentários dos guardiões:

O feijão sopinha tem história, dizem que ele veio nos cabelos dos negros na época da escravidão. [...] planto pouco pra manter a tradição para o consumo.

E uma semente que mantém a tradição, mas que está em risco [...]

E a forma de manter é consumindo [...] dá pra faz como você quiser, com galinha, com carne [...] (informação verbal do guardião FG6 em 18/09/2019).

O feijão sopinha é importante [...] Há várias formas de uso: dá para fazer pão, dá para fazer bolo, farinha, sopa, salada, fazemos brevê (amuleto) também [...] O feijão sopinha por enquanto é só para o consumo [...] Mas se tiver para vender a gente vende

Quando tem um quilo ou dois a gente vende.

Quando a gente quer fazer uma sopa, faz com carne ou com galinha Tradição e tradição (informação verbal da guardiã FG2 em 17/09/2019).

Ao comentar sobre os brevês (amuletos) me gerou curiosidade sobre o seu significado, daí a guardiã comentou que é tradição vem dos tempos dos

antigos. O feijão sopinha é sagrado e faz parte do festival religioso da Nossa Senhora do Rosário a qual a relata a guardiã.

Meu filho está no colégio agora; começou com 10 anos; agora tem 15 anos e é dançante; tenho vários primos que são dançantes e meus tios são dançantes; alguns já morreram outros estão vivos (informação verbal da guardiã FG2 em 17/09/2019).

Essas manifestações culturais e religiosas existem há séculos onde o sincretismo religioso africano com o europeu fez surgir essa manifestação religiosa e o surgimento da cultura afro-açoriana. Suas danças e cantigas são um dos elementos dessas manifestações onde a sopa do feijão sopinha dá a energia para que eles da Irmandade da Nossa Senhora do Rosário, possam cumprir promessa, solenidade que inicia ao anoitecer e estende-se até o amanhecer, cantando, tocando e dançando.

4.3 Resumo da biodiversidade identificada nos Guardiões Quilombolas de Tavares e Mostardas

Na tab. 3 observa-se que as comunidades quilombolas de Tavares apresentaram uma maior biodiversidade em relação as comunidades de Mostardas. A comunidade quilombola Capororocas foi aquela que apresentou a maior diversidade quanto ao número de espécies e cultivares remanescentes, enquanto a comunidade da Casca foi aquela que apresentou o menor número de variedades remanescentes e de forma análoga foi a comunidade que apresentou a maior perda de biodiversidade relatada pelos guardiões entrevistados. Entretanto a comunidade dos Teixeiras foi aquela que apresentou o menor número de relatos de perda de diversidade, considerando o número de genótipos. A comunidade Casca apresenta uma grande proximidade com a região metropolitana de Porto Alegre e a região litorânea, onde o processo histórico tem levado os jovens a abandonar a agricultura e dedicarem-se a outros fazeres que apresentam uma renda mais alta do que proporcionada pela agricultura, portanto era esperado haver uma maior perda de diversidade nessa comunidade.

Embora tenha sido constatada boa diversidade junto aos guardiões, especialmente em Tavares, há relatos de perda de variedades. O milho farináceo branco, o feijão, o feijão-miúdo e a batata doce estão largamente relatados pelos guardiões em todas as comunidades entrevistadas. Tal fato

demonstra a importância destas espécies na alimentação e na manutenção dos sistemas biodiversos. O milho, o feijão e a batata doce são largamente consumidos pelas famílias e o feijão miúdo está ligado a alimentação dos animais (ruminantes e galináceos), na forma de forragem ou grãos. Outras culturas como abóbora, mogango, abobrinha, couve, mostarda, entre outras, são importantes na alimentação das famílias.

Tabela 3: Espécies e variedades encontradas nas comunidades quilombolas nos municípios de Tavares e Mostardas, RS, variedades perdidas e resgatadas relatadas.

Comunidade Quilombola	Variedades crioulas remanescentes	Variedades perdidas	Variedades resgatadas
Capororocas (Tavares)	Couve, mostarda verde, mostarda roxa, amendoim roxo, amendoim preto, feijão mamoninho, feijão roxo, milho catete branco, milho catete amarelo, milho roxinho, milho cunha, milho vermelho crioulo, ervilha doce, ervilha salgada, feijão sopinha, abóbora jamanta, moganga verde escura, moganga branca, melão antigo, moranga miúda, feijão miúdo amendoim, porongo comestível, batata roxa	Milho canjica, milho roxinho, feijão mamono miúdo, feijão pretinho miúdo	Feijão Sopinha
Olhos D' Água (Tavares)	Feijão miúdo preto, feijão roxo, feijão vermelho, milho catete branco, feijão miúdo amendoim, feijão miúdo mamoninho, feijão miúdo carioquinha, feijão sopinha, abobrinha, abobrinha branca, abobrinha amarela, batata cenourinha, batata pé de galinha, batata roxa	Abóbora grande, abóbora de pescoço, batata americana, tinha cinco variedade de feijão preto, arroz crioulo.	Sopinha
Casca (Mostardas)	Feijão mamono, feijão vermelho, feijão roxinho, milho crioulo, feijão preto crioulo, feijão miúdo, milho catete branco e amarelo, alho roxo, feijão rajado	Batata americana, batata olho de boi, batata abobora, batata quero-quero, batata serraninho, batata gema de ovo, batata perna de moça, milho pipoca, milho canjica, girassol, sopinha	****
Teixeiras (Mostardas)	Feijão mourinho, feijão mamono, feijão preto, feijão carioca, feijão roxo, feijão miúdo preto, feijão miúdo baio, feijão miúdo tipo perdiz, feijão sopinha, milho catete, milho canjica, milho vermelho mostarda roxa, couve amarela, moganga.	Batata americana, batata abóbora, batata pé de galinha	Sopinha

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foi relatada perda de sementes de feijão sopinha em diversas comunidades, notadamente na comunidade de Casca, principalmente, devido as dificuldades no manejo da planta, que possui maturação desuniforme, e ao tamanho dos grãos, que dificulta a colheita e acondicionamento das sementes (informação pessoal de Gustavo Chaves Alves). A Embrapa Clima Temperado tem colaborado com os guardiões e comunidades quilombolas no sentido de fornecer sementes daquelas variedades que possam ter desaparecido por motivos variados. Sempre que é constatada perda da biodiversidade a unidade envia coleções de sementes de diversas culturas aos parceiros locais, os quais cita-se como mais importantes: Emater-RS, Prefeitura Municipal de Tavares, Associação Quilombola e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mostardas.

Sendo cultivadas há várias gerações, essas variedades crioulas conservam expressões históricas e culturais das comunidades que as utilizam como alimento e também com outras finalidades como o artesanato. Além da produção de alimentos para o consumo humano ainda são utilizados também na alimentação de animais, sendo que as leguminosas possuem potencial como adubo verde, silagem, cobertura e conservação e fertilidade do solo. Diante dessas adversidades, têm-se variedades que possuem especificidades únicas do ponto de vista de seu potencial genético (SCHÄFER, LANZER e PEREIRA, 2009).

O feijão miúdo apresenta grande importância na alimentação, principalmente dos animais, e como principal espécie para cobertura de solo. As características da planta e sua variabilidade genética observada forjaram elementos fundamentais para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável. Ambas culturas são cultivadas há 200 anos no Litoral Médio do RS, porém ao contrário do feijão sopinha, cujo grão é largamente utilizado na alimentação das famílias, há apenas um relato de consumo dos grãos de feijão miúdo na alimentação. Nesta região a cultura foi desenvolvida com finalidade forrageira e para cobertura de solo e adubação verde, porém no Nordeste brasileiro, a cultura “constitui uma das principais alternativas sociais e econômicas, respectivamente, no suprimento alimentar e na geração de emprego e renda especialmente para as populações rurais” (OLIVEIRA, 2008, p. 15).

O feijão sopinha (variedade de *Vigna unguiculata*) e o feijão miúdo (também *Vigna unguiculata*), são cultivados há séculos na região costeira, onde os processos de seleção natural em combinação com as seleções realizadas por agricultores, resultaram em plena adaptação às condições extremas daquela região (BEVILAQUA *et al.*, 2007), especialmente às adversidades de solo, clima e maresia. O resgate do feijão sopinha muito se deve à descoberta do potencial agrônômico da planta como uma planta de múltiplo propósito e às excelentes características nutricionais dos grãos.

Sendo cultivado há várias gerações, a semente conserva expressões históricas e culturais possuindo uma memória social onde a semente é vista como sagrada por representar manifestações que os ancestrais dessas comunidades deixaram aos seus descendentes. Na Fig. 3 observa-se que o principal meio de conservação das sementes utilizando atualmente é a garrafas pet, pela facilidade, grande oferta e eficiência.



Figura 3: Sementes de feijão sopinha armazenadas em garrafa pet.
Fonte: imagem do autor.

4.4 A agrobiodiversidade e as formas de conservação das variedades crioulas e seu melhoramento

As famílias atribuem diferentes motivos para a manutenção da agrobiodiversidade, cada uma com suas justificativas envolvidas no âmbito ambiental, sócio-cultural, econômico e tradicional.

Nodari e Guerra (2015) mostram que a conservação pelo uso é uma metodologia milenar, a qual os agricultores nas mais diversas partes, cultivam, conservam, produzem alimentos, fibras e outras necessidades de forma sustentável.

Esse processo de preservação é explicado por Alier (1992, p.10) que o aborda de maneira explícita, afirmando que “a ecologia da sobrevivência torna os pobres conscientes da necessidade de conservar os recursos”. Ploeg (2008) mostra que “o ato de conservar as sementes é uma prática camponesa, na qual, a reprodução social é dependente da co-produção com a natureza”, então, “guardar e reproduzir uma semente crioula estão na materialidade da lógica de reprodução social da família agricultora camponesa, garantida pelo trabalho que se realiza na unidade de consumo e unidade de produção” (OLANDA, 2015, p.60).

A questão relacionada à conservação nesse aspecto traduz-se em dois sentidos: no primeiro, a sobrevivência da família guardiã, a qual mantém o recurso genético, e proporciona o fornecimento de alimentos as famílias agricultoras. Salienta-se desta forma o fato pelo qual as sementes foram domesticadas. Outro aspecto é a sobrevivência do recurso genético em si, que é o produto das suas finalidades, pois a manutenção por parte dos agricultores, apenas ocorrerá, se determinados benefícios forem ofertados, ou pela existência de algum fator sócio-cultural.

Dessa forma, é necessário salientar que na lógica camponesa, a qual se encontram os agricultores guardiões, as sementes, possuem uma uniformidade relacionada à sua finalidade, conforme mostram Petersen *et. al.* (2013, p. 36) ao afirmarem que “as sementes das espécies cultivadas são portadoras de mensagens genéticas e de mensagens culturais”. Portanto, o que existe nessa relação é uma coexistência, ou melhor, uma simbiose, entre o agricultor e agricultora guardiã e a semente, a qual é sintetizada na forma de produção de alimento.

Quanto a essa relação à simbiose entre os agricultores guardiões e a sementes, Pereira (2017), afirma que, sem as sementes crioulas, dificilmente a agricultura familiar camponesa poderia sobreviver, bem como, sem os guardiões de sementes, dificilmente as variedades crioulas sobreviveriam, como também à cultura emanada nessa relação.

A manutenção dos recursos genéticos, em especial das sementes crioulas, está diretamente ligada com a produção de alimentos, e, dessa forma, essa prática é adotada como uma estratégia, que tem como resultado alguns níveis de autonomia, não somente econômica, mas também de tomadas de decisões, fato que confere certa segurança em permanecer enquanto família agricultora (OLANDA, 2015). Na Fig. 4, observa-se o modo tradicional de manter e conservar a partir do conhecimento adquirido.



Figura 4: Semente de feijão vermelho misturado a impurezas: forma tradicional de conservação em recipiente plástico.
Fonte: imagem do autor.

4.5. O papel da agrobiodiversidade na manutenção das sementes crioulas e da cultura quilombola

A manutenção da agrobiodiversidade e dos recursos genéticos, em especial das sementes crioulas, proporciona a manutenção e sobrevivência desses espaços de saber. Os espaços de plantio são frutos das percepções, sabedorias, conhecimentos e significações forjados nos cotidianos dos guardiões quilombolas.

A diversidade genética é extremamente importante para a sobrevivência e recuperação do que foi perdido, simplesmente pela capacidade adaptativa e de renovação quando expostos às adversidades climáticas e

oportunidades. Os processos biodiversos vão exigir do agricultor guardião síntese de todo o seu conhecimento aprendido e experimentado para dinamizar a capacidade de sobrevivência das cultivares crioulas. Neste sentido a ampla variabilidade genética das variedades crioulas lhes conferem maior adaptabilidade às condições adversas e, por conseguinte, maior resistência em relação as variedades melhoradas (OLANDA, 2015).

Por isso, os recursos genéticos, fonte de alimento, necessitam da espécie humana para a sua sobrevivência, uma vez que, em muitos casos, através do processo de domesticação, genes importantes de resistência foram perdidos, fato que condiciona a adoção do termo, manutenção de sementes crioulas, ao invés de conservação, ou preservação, simplesmente porque a manutenção traz como significado, medidas ou cuidados necessários para a conservação, ou funcionamento de algo, no caso as sementes crioulas, as quais sem a espécie humana não sobreviveriam (PINHEIRO, 2018).

Entretanto, a manutenção das sementes crioulas está diretamente ligada a produção de alimentos e, dessa forma, essa prática é adotada como uma estratégia, que tem como resultado alguns níveis de autonomia, não somente econômica, mas também na valorização da cultura. E tal diagnóstico pode ser iniciados através de uma leitura do espaço rural, e em especial da situação sócio-econômicos e ambiental na qual a agricultura familiar está inserida

A complexidade dos sistemas de produção por eles utilizados se deve à manutenção da sua cultura, a qual é evidente nas famílias, principalmente aos saberes impregnados nas sementes, os quais remetem diretamente aos antepassados. Portanto, as sementes crioulas, assumem uma característica de “vetor agro-cultural”, a qual mantém e perpetua as cosmovisões, os saberes, as percepções, intuições e fazeres desses agricultores e agricultoras que as mantêm, os quais são repassados muitas vezes conjuntamente com as sementes para outros agricultores, no momentos de compartilhamento, concretizando assim a simbiose entre as dimensões cultural e social do guardar as sementes, ou seja, a semente é o vetor que carrega e dissemina a mensagem genética e cultural.

Considerações Finais

A manutenção das sementes crioulas como essência da cultura quilombola se faz manifestar de forma muito particular no âmbito de cada família guardiã reconhecida pela sua complexidade em relação aos sistemas produtivos, respeitando toda uma dinâmica própria de cada família que se deixa levar, mediada por influências de sua tradição.

A cultura de guardar sementes crioulas revela a afinidade e peculiaridades de valorizar o saber ancestral, reverenciando sua identidade e o legado dos seus antepassados.

Manter as sementes crioulas para os agricultores guardiões quilombolas representa uma atitude de autonomia, tradição e sobrevivência, principalmente no que à tange a produção de alimentos.

A cultura do guardião de sementes está interligada, existindo uma simbiose, na qual um necessita do outro para sobreviver, portanto, sem esse ato importantíssimo, as sementes não são mantidas *in situ*, anulando, esse processo de coevolução das plantas cultivadas. E o sentido de guardar a semente e o significado de ser guardião que é poder produzir o que lhe confere, entre outras coisas, a satisfação de estar longe dos insumos químicos, em especial agrotóxicos, é ser capaz de fornecer alimentos de qualidade, não só para os membros de sua família, mas também para a população.

A dimensão cultural evidencia-se, principalmente, quanto aos valores culturais dos antepassados, práticas, atitudes que são aplicadas aos sistemas de cultivo, nas lavouras, hortas, mas também no preparo do alimento no cozinhar, no falar e no relacionar com a sua tradição e religiosidade.

A erosão cultural representada pela crise sucessória é uma das maiores ameaças à agrobiodiversidade pois a cultura do é o que mantém todas essas variedades e seus significados. Constatou-se que a faixa etária variou 26 a 89 anos e, entre as comunidades, a da Casca foi onde a idade avançada de seus guardiões cria incertezas para o futuro, pois o mais jovem tem mais de 50 anos. Nas outras comunidades a situação é menos crítica.

A tradição de conservar suas sementes coloca esses agricultores como aliado a manutenção de seus saberes e em conservar suas múltiplas identidades em um processo de constante mudança, a fim de adequarem-se ao meio, nos quais estão inseridos, bem como, na manutenção de seus recursos genéticos que proporcionam soberania e segurança alimentar para suas famílias.

A manutenção das sementes crioulas proporcionou a mim estudante-pesquisador negro refletir sobre o papel do guardião quilombolas e mostrou toda uma pureza e simplicidade de suas ações, no sentido de existir, ou seja, resistem enquanto agricultores familiares quilombolas produzindo suas sementes, seus alimentos, em seus agroecossistemas, forjando suas tradições, cosmovisões e sabedoria.

Estar envolvido nesse ambiente de pesquisa, permitiu identificar que existe outro caminho onde o guardião e a semente são manifestações culturais, onde a sabedoria desses guardiões está representada na preservação da agrobiodiversidade onde a base de toda sua construção está carregada de significados na semente crioula.

Referências

ANTUNES, Irajá Ferreira; SILVA, Patrícia Martins da; FEIJÓ, Cristiane Tavares; BEVILAQUA, Gilberto Antonio Peripolli; NORONHA, Andrea Denise Hildebrandt; ALBUQUERQUE, Tatiana Schiavon de; MARTHA, Anderson Luis Mesquita da; PINHEIRO, Régis. Agrobiodiversidade, sementes crioulas e guardião de sementes - ou a construção de uma nova realidade social a partir de nova realidade rural. **Cadernos de Agroecologia**, Vol. 13, Nº 1, Jul. 2018a.

ANTUNES, Irajá Ferreira; SILVA, Patrícia Martins da; FEIJÓ, Cristiane Tavares; BEVILAQUA, Gilberto Antonio Peripolli; NORONHA, Andrea Denise Hildebrandt; ALBUQUERQUE, Tatiana Schiavon de; MARTHA, Anderson Luis Mesquita da; PINHEIRO, Régis. Sementes crioulas, agrobiodiversidade e ecologia. **Cadernos de Agroecologia**, Vol. 13, Nº 1, jul. 2018b.

ANTUNES, Irajá Ferreira; BEVILAQUA Gilberto Antônio Peripolli: Partitura de Biodiversidade - Uma nova alternativa para ampliar a base genética de espécies cultivadas e promover a segurança alimentar In: SIMPOSIO DE RECURSOS GENÉTICOS PARA AMÉRICALATINA Y EL CARIBE, SIRGEALC, 7, 2009, Pucón, Chile. **Proceedings** Santiago de Chile: Ministerio de Agricultura, Instituto de Investigaciones Agropecuarias, 2009.

ALIER, Juan Martinez. O ecologismo dos pobres. **Revista Wani**, n. 125, p. 2-42 a 50, 1992.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os Quilombos e as Novas Etnias. In: O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). **Quilombos**: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ALTIERI Miguel.; NICHOLLS Clara: **Biodiversity and pest management in agroecosystems**.Haworth Press, New York. 1994. 185 p.

ALTIERI, Miguel: **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: Editora Agropecuária, 2002. 592 p.

AQUINI, Daniel Marques. Guardiões de sementes do Sul do RS e a construção de um sistema intersocial. 2015. 120 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/5139/1/Dissertacao_Daniel_Marques_Aquini.pdf. Acesso em 10 jul 2020.

ARRUTI, José Maurício: **Mocambo: Antropologia e história do processo de formação quilombola**. Ed: EDUSC. Bauru, SP. 2006.

BEVILAQUA, Gilberto Antônio Peripolli; GALHO, André Maresquirema; ANTUNES, Irajá Ferreira; MARQUES, Robson Luis Legorio; MAIA, Manoel de

Sousa. **Manejo de sistemas de produção de sementes e forragem de feijão-miúdo para a agricultura familiar.** Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2007. 40p. (Embrapa Clima Temperado. Documentos, 204).

BEVILAQUA, Gilberto Antônio Peripolli; ANTUNES, Irajá Ferreira; BARBIERI, Rosa Lia; SCHWENGBER, José Ernani; SILVA, Sergio Delmar Anjos; LEITE, Daniela Lopes; CARDOSO, Joel Henrique. Agricultores Guardiões de Sementes e a Ampliação da Agrobiodiversidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 31, n. 1, p. 99–118, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia. Construção da pessoa e resistência cultural.** São Paulo: Ed. Brasiliense S. A., 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, Vol.10, Nº 1, Jan/Jun, p. 11-27, 2007.

BORBA, Carolina dos Anjos de. **Terras negras nos dois lados do Atlântico: quem são os proprietários? Estudo comparado Cabo Verde/Brasil.** Tese. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013. 239p.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro. Ed: Bertrand Brasil. 2010.

CAMPOS, Antônio Valmor de. **Milho crioulo: sementes da vida: pesquisa, melhoramento e propriedade intelectual.** Frederico Westphalen: Ed. da Uri, 2007, p. 274.

CORREA, Ciro Eduardo e WERD, Jean Marc Von Der. Variedades Crioulas na Lei de Sementes: avanços e impasses. **Agricultura**, v. 3, p. 11-14, 2006.

CUNHA, Flavia Londres da. **Sementes da paixão e as políticas de distribuição de sementes na Paraíba.** 2013. 184 f. Dissertação – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Floresta, Rio de Janeiro.

CHAYANOV, Alexander Vasilyevich. **La organización La unidad económica campesina.** Bueno Aires. Nueva Visión, 1974, p. 342.

DEPARTAMENTO DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA. **Povos e Comunidades Tradicionais.** Disponível em: <http://www.dedihc.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=156>. Acesso em 15 jul. 2020.

EMPERAIRE, Laure. O manejo da agrobiodiversidade: o exemplo da mandioca na Amazônia. In: BENSUSAN, N. (org.). **Seria melhor mandar ladrilhar?** Biodiversidade: como, para que e por quê. 2. Ed. Brasília: Editora UnB, 2008. p. 252.

FENON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro/RJ. Ed: Civilização brasileira. 1968.

FREITAS, Tiago Larrosa. **As buscas pelo bem viver quilombola**: resistência, re-significações e traduções culturais identitárias do Quilombo dos Teixeiras, Mostardas/RS. 2016. 161f. Dissertação. (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Pelotas, 2016.

FIGUEIREDO, Paulo Jorge Moraes: **A sociedade do Lixo**: Os resíduos a questão energética e a crise ambiental. 2º edição Piracicaba: Editora Unicamp, 1995. 249p.

FUNARI, Pedro de Abreu. A Arqueologia de Palmares: sua contribuição para o conhecimento da história da cultura afro-americana. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo. Ed: Cia das Letras. 1996. p. 509.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES (FCP), 2018. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/>. Acessado em: 28 Nov. 2019.

GARLET, Ivone José. **Mobilidade Mbyá**: história e significação. 1997. 200f. Dissertação (Mestrado) – História Iberoamericana. Pontifício Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1997.

GEERTZ, Clifffort: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. 213p.

GIDDENS, Anthony: **As consequências da modernidade**. Tradução: Raul Fiker. Ed: UNESP. São Paulo. 1991.

GIDDENS, Anthony: A vida em sociedade pós-tradicional. In: BECK, U.; GIDDENS, A. e LASH S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo. Ed: UNESP, 1997. p. 264.

HALL, Stuart: **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. Ed: DP&A. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/universo-caracteristicas-da-populacao-e-dos-domicilios>. Acesso em: 05 Dez. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidade Mostardas**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/mostardas/panorama>. Acesso em: 05 Dez. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidade Tavares**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/tavares/panorama>. Acesso em: 05 Dez. 2019.

JACOBUS, André. Louças e cerâmicas no sul do Brasil no século XVIII: o Registro de Viamão como estudo de caso. **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul, vol. 20, nº 23, p. 07-58, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo. Ed. Atlas, 1985.

LARA, Silvia Hunold. Do singular ao plural. Palmares, capitães-do-mato e o governo dos escravos. In: REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). **Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 81-109.

LEFF, Enrique. **Discursos sustentáveis**. São Paulo. Ed: Cortez, 2010, p. 296.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnografia**, vol. IV(2), 2000, p. 333-354.

LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos e Quilombolas: cidadania ou folclorização? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 123-149, 1999.

LITTLE, Paul Elliott. **Território Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Série antropológica. UnB. Brasília, 2002.

MAYOZER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas do mundo: do neolítico à crise contemporânea**. Tradução: Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira. Ed: UNESP. 2010, p. 568.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – MMA: **Convenção sobre a biodiversidade** – CDB. Ed: s/d. Brasília, DF, 2000. 30p. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_chm_rbbio/_arquivos/cdbport_72.pdf. Acesso em: 21 Jul. 2010.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Ed: 8. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 350.

NODARI, Rubens Onofre ; GUERRA, Miguel Pedro: A agroecologia: Estratégias de pesquisa e valores. **Estudos Avancados**, v. 29, n. 83, p. 183–207, 2015.

OLANDA, Rosemeri Berguenmaier de: **Famílias guardiãs de sementes: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade**. 2015. 155 f. Tese (Doutorado em Agronomia). Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

OLIVEIRA, José Tadeu Santos. **Seleção de genótipos tradicionais e melhorados de feijão-caupi adaptados à região semi-árida piauiense**. 2008. 62 f. (Dissertação) Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2008.

PELWING, Andréia Becker ; FRANK, Lúcia Brandão; BARROS, Ingrid I. Bergman: Sementes crioulas: o estado da arte no Rio Grande do Sul. **Revista**

de Economia e Sociologia Rural, v. 46, n. 2, p. 391–420, 2008.

PEREIRA, Viviane Carmejo. **A conservação das variedades crioulas como prática de agricultores no Rio Grande do Sul**. 2017. 336 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PETERSEN, Paulo Frederico ; CURADO, Fernando Fleury; DIAS, Emanuel; SANTOS, Amaury da Silva dos. Sementes ou grãos? Lutas para desconstrução de uma falsa dicotomia. **Agriculturas**, v. 10, p. 36–43, 2013.

PLOEG, Jan Douwe Van Der. **Camponeses e Impérios Alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Tradução: Rita Pereira. Porto Alegre. Ed: UFRGS, 2008. p.373

PINHEIRO, Régis Araújo: **Agricultores guardiões de sementes**: atitudes para a construção de agroecossistemas mais sustentável. 2018. 201f.Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

QUIJANO, Anibal: Colonialidade do poder, eurocetrismo e América Latina. In: LANDER. Edgardo (Comp.). La colonialidad Del saber: eurocentrismo y ciências sociales. **Perspectivas latino americanas**. Ed: CLACSO, 2000. Buenos Aires, Argentina. p. 116-142. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100708050100/11_quijano.pdf . Acesso em: 30 Nov. 2019.

RUBERT, Rosane Aparecida: Comunidades Negras no RS: o redesenho do mapa estadual. In: SILVA, G. F.; SANTOS, J. A.; CARNEIRO, L. C. C. (org.). **RS negro**: cartografias sobre a produção do conhecimento. Porto Alegre: Edipucrs. 2008.

SABOURIN, Eric: **Dádiva e reciprocidade nas sociedades rurais contemporâneas**. In: Tomo: São Cristovão, VII, 2004, P. 75-103.

SANTOS, Súsi Karla Almeida: **“A gente não tinha nenhum direito a nada”**: representações sobre quilombos e remanescentes de Quilombolas.Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Montes Claros. 2013. 173 p.

SANTOS, Rafael José dos. **Antropologia para quem não vai ser antropólogo**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2010. 80 p.

SCHÄFER, Alois Eduard; LANZER, Rosane Maria; PEREIRA, Renata. **Atlas Socioambiental: municípios de Mostardas, Tavares, São José do Norte e Santa Vitória do Palmar**. Ed. Edusc. Caxias do Sul, RS. 2009. 372p.

SCHIMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de: A Atualização do conceito de quilombo: Identidade e Território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade** – Ano V – Nº 10 – 1º

Semestre de 2002. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v5n10/16889.pdf>. Acesso em: 18 Maio 2019.

SILVA, Paulo Sergio da. **Políticas públicas e mediação na comunidade remanescente de quilombos de Casca – Mostardas, RS**. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2007, p. 105.

STELLA, André; KAGEYAMA, Paulo Yoshio e NODARI, Rubens. Políticas públicas para a Agrobiodiversidade. In: MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - MMA, **Agrobiodiversidade e Diversidade Cultural**. Brasília: MMA/SBF, 2006. Disponível em:

https://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_agrobio/_publicacao/89_publicacao21092009104952.pdf. Acesso em 10 Jul. 2020.

TOLEDO, Victor Manuel Toledo Manzur; BASSOLS, Narciso Barrero; FRAPOLLI, Eduardo García; CHAIRES, Pablo Eulogio Alarcón. Uso Múltiple Y Biodiversidad Entre Los Mayas Yucatecos (México). **Interciencia**, v. 33, n. 5, p. 345–352, 2008.

APÊNDICE

Pesquisa de campo

Eu **Anderson Luis Mesquita da Marta**, Mestrando da Universidade Federal de Pelotas

Solicito sua autorização a(o) _____ para utilizar suas informações para questões acadêmicas.

Roteiro de Questões – Comunidade da _____ (Tavares – RS)

Nome da família:

Local:

QUESTÕES:

- Quanto à história e à estruturação da comunidade-

- Qual a trajetória da família de vocês?
- Qual a história do quilombo?
- O que significa ser um quilombola? Qual a importância desse quilombo para você? E para comunidade?
- Existe uma associação já estruturada no quilombo?
- Como se deu a organização da associação? Qual sua importância?

- Quanto à agricultura

- Como era a agricultura quando os primeiros integrantes do quilombo chegaram a Tavares? E na época de seus pais do seu avô (houve mudanças?)?
- Como é a agricultura hoje? Mudou em relação à época de seus pais? O que mudou?
- Como faziam as roças? E como as fazem hoje?

- Que sementes utilizavam? Perderam alguma variedade?
- Quais as variedades de sementes que a comunidade possui? De onde vieram?
Há quanto tempo mantém as sementes?
- Como fazem para selecionar as sementes? Como aprenderam?
- Por que mantêm as sementes? Qual a sua importância?

- Quanto ao feijão sopinha

- Como o feijão sopinha chegou até vocês? Quem trouxe?
- Qual a importância do feijão sopinha?
- Quem cultiva o sopinha? Quem guarda as sementes do sopinha?
- Há mais de um tipo de sopinha? O feijão sopinha é muito importante para sua família?
- Havia outras variedades, que foram perdidas? Tem sua própria variedade? -
- De que forma usa o sopinha?
- O feijão sopinha gera alguma renda pra você? Quais as atividades que você faz que geram renda?

- Quanto aos guardiõ(ã)es de sementes

- Quais os motivos que levam o agricultor a se tornar um guardião(ã) de sementes?
- Quanto(a)s são o(a)s guardiõ(ã)es de sementes na comunidade?

Nome: _____

Pesquisa de campo

Eu **Anderson Luis Mesquita da Marta**, Mestrando da Universidade Federal de Pelotas

Solicito sua autorização a(o) _____ para utilizar suas informações para questões acadêmicas.

Roteiro de Questões – Comunidade da _____ (Mostardas – RS)

Nome da família:

Local:

QUESTÕES:

- Quanto à história e à estruturação da comunidade-

- Qual a trajetória da família de vocês?
- Qual a história do quilombo?
- O que significa ser um quilombola? Qual a importância desse quilombo para você? E para comunidade?
- Existe uma associação já estruturada no quilombo?
- Como se deu a organização da associação? Qual sua importância?

- Quanto à agricultura

- Como era a agricultura quando os primeiros integrantes do quilombo chegaram a Tavares? E na época de seus pais do seu avô (houve mudanças?)?
- Como é a agricultura hoje? Mudou em relação à época de seus pais? O que mudou?
- Como faziam as roças? E como as fazem hoje?
- Que sementes utilizavam? Perderam alguma variedade?

- Quais as variedades de sementes que a comunidade possui? De onde vieram?
Há quanto tempo mantém as sementes?

- Como fazem para selecionar as sementes? Como aprenderam?

- Por que mantêm as sementes? Qual a sua importância?

- Quanto ao feijão sopinha

- Como o feijão sopinha chegou até vocês? Quem trouxe?

- Qual a importância do feijão sopinha?

- Quem cultiva o sopinha? Quem guarda as sementes do sopinha?

- Há mais de um tipo de sopinha? O feijão sopinha é muito importante para sua família?

- Havia outras variedades, que foram perdidas? Tem sua própria variedade? -

- De que forma usa o sopinha?

-O feijão sopinha gera alguma renda pra você? Quais as atividades que você faz que geram renda?

- Quanto aos guardião(ões) de sementes

- Quais os motivos que levam o agricultor a se tornar um guardião(ões) de sementes?

- Quanto(a)s são o(a)s guardião(ões) de sementes na comunidade?

Nome: _____